



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

JAKELINE HONÓRIA DE SOUZA

ENTRE FIOS, RETALHOS E UMA COLCHA: AS COSTURAS DA ESCOLA
FAMÍLIA AGRÍCOLA PADRE ANDRÉ EM CORRENTINA- BAHIA

AMARGOSA - BA
2022

JAKELINE HONÓRIA DE SOUZA

**ENTRE FIOS, RETALHOS E UMA COLCHA: AS COSTURAS DA ESCOLA
FAMÍLIA AGRÍCOLA PADRE ANDRÉ EM CORRENTINA- BAHIA**

Monografia apresentada ao Colegiado da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo – Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira

**AMARGOSA - BA
2022**

Ficha Catalográfica:

--

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Monografia apresentada por Jakeline Honória de Souza como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências Agrárias no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 15 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



PROF. CARLOS ADRIANO DA SILVA OLIVEIRA (ORIENTADOR)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



PROF^a. ANAILMA DE OLIVEIRA MEIRA (AVALIADORA)

Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA)



PROF. FRANKLIN PLESSMANN DE CARVALHO (AVALIADOR)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



PROF. TIAGO PEREIRA DA COSTA (AVALIADOR)

REFAISA - PPGADT/UNIVASF

Dedico esse trabalho ao povo camponês tantas vezes esquecido e/ou marginalizado e a todos/as que lutam por uma perspectiva de educação inclusiva e libertadora. O Processo de escrita e de aquisição de conhecimento nos é muito caro, por isso mesmo precisamos buscá-lo incansavelmente, com o propósito de potencializar nossas bases e fazer a diferença no meio em que estamos inseridos/as e que nos desafiamos a ocupar continuamente. De forma muito emocionada eu dedico esse trabalho à classe trabalhadora que não desiste da trincheira do conhecimento como ferramenta de transformação.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao universo pela graça da vida e pelo grande e simbólico sentido de concluir esse trabalho, a todos/as os/as educadores/as que participaram do meu processo formativo contribuindo de diversas formas, em especial à minha família, base da minha ancestralidade, que sempre me acolheu e apoiou, de forma expressiva como presente e conquista no sentido da afirmação de que a filha de Dona Maria e Seu Valdinho, neta de Zeca, Rosa, Zuína e Guilé conquistou o ensino superior, graças ao incentivo que veio de berço e a resistência herdada da minha ancestralidade que me levou às longas viagens em busca dessa bagagem de sentido coletivo.

Ao meu filho Dudú Kauê que ainda no ventre acompanhou a minha difícil missão de concluir esse trabalho entre lágrimas e risos, sendo meu motivo maior desde então. Ao meu companheiro Rosivan Santos, como resultado da sua insistência e incentivo eu jamais teria coragem de pensar em desistir, pelo acolhimento, apoio e cuidado que nunca me faltaram.

Agradeço ainda à Escola Família Agrícola Padre André por todo o simbolismo que sempre teve na minha vida e por me proporcionar crescimento pessoal e profissional, ao meu orientador Carlos Adriano que me acompanhou nessa complexa travessia, de forma especial às minhas colegas Kelly Assis e Joice Santos, que me acompanharam e ajudaram na minha condução em passos importantes da minha escrita, sendo acolhimento nos momentos mais sensíveis e luz na recondução do caminhar.

Agradeço também aos meus sujeitos de pesquisa e a minha sujeita de pesquisa que com muita boa vontade e pertencimento contribuíram e participaram do processo de escrita desse trabalho, e a todas as pessoas que de forma direta ou indiretamente participaram do meu processo formativo.

SOUZA, Jakeline Honória de. **Entre fios, retalhos e uma colcha: As costuras da Escola Família Agrícola Padre André em Correntina- Bahia.** Trabalho monográfico apresentado no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar os sentidos atribuídos por sujeitos envolvidos no processo histórico da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia, sobre os desdobramentos dessa ação nos modos de vida do território. A investigação foi motivada por experiências de estudo e pesquisa no curso Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), campus Amargosa - BA. Também destacamos contribuições a partir de estudos e problematizações feitas no Grupo de Pesquisa Docência Currículo e Formação – (DOCFORM), no grupo de Pesquisa e Extensão - Nova Cartografia Social – (NEA). O trabalho apresentou conjecturas acerca das Escolas Famílias Agrícolas, trazendo especificidades da EFAPA, situada no município de Correntina, região Oeste da Bahia. Dissertou sobre as origens da Pedagogia da Alternância e seus principais elementos pedagógicos, princípios e atores que a constroem ao longo do tempo. A metodologia orientou-se por meio da abordagem qualitativa de pesquisa com a revisão de literatura sobre o tema, análise documental e entrevistas semiestruturadas com agentes sociais que viabilizaram a implantação da EFA. Para discutir os dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo. O estudo fundamentou-se em leituras da Educação Popular e da Pedagogia da Alternância. A escuta foi imprescindível para reflexão sobre motivações, limites e possibilidades para manutenção do projeto de desenvolvimento da EFAPA ao longo dos seus mais de 28 anos. Como resultados, o estudo apontou diversas potencialidades da Pedagogia da Alternância, sua configuração como alternativa de educação emancipadora. A escuta evidenciou o trabalho de base como um grande aliado no processo de formação dos sujeitos envolvidos na EFAPA. Também refletiram sobre as dificuldades das escolas do campo atreladas principalmente à desassistência dos órgãos competentes (ausência de política pública efetiva), bem como é crucial refletir sobre estratégias de autogestão financeira e administrativa como alternativa de existência das EFAs. Os depoimentos indicam que o agronegócio é um grande vilão para o povo camponês e para o modo de fazer educação na EFAPA, e que a disputa por terra e água nesse território estão atreladas também à disputa por conhecimento, portanto são faces da mesma luta.

Palavras-Chave – Pedagogia da Alternância, Educação do Campo, EFAs.

SOUZA, Jakeline Honória de. **Between yarn, patchwork and a quilt: The seams of the Padre André Agricultural Family School in Correntina- Bahia.** Monographic work presented at the Teacher Training Center of the Federal University of Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

ABSTRACT

The present work aimed at analyzing the meanings attributed by subjects involved in the historical process of the Padre André Agricultural Family School (EFAPA), in the municipality of Correntina - Bahia, about the unfolding of this action in the ways of life of the territory. The research was motivated by study and research experiences in the course Licenciatura em Educação do Campo with emphasis in Agricultural Sciences, at the Teacher Training Center of the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), Amargosa campus - BA. We also highlighted contributions from studies and problematizations made in the Teaching, Curriculum and Training Research Group (DOCFORM), and in the Research and Extension Group - New Social Cartography (NEA). The work presented conjectures about the Family Agricultural Schools, bringing specificities of EFAPA, located in Correntina, Western Bahia. It talked about the origins of the Pedagogy of Alternating Cycle and its main pedagogical elements, principles, and actors that build it over time. The methodology was guided by a qualitative research approach with a literature review on the theme, document analysis, and semi-structured interviews with social agents who made the implementation of the EFA possible. To discuss the data we used the content analysis technique. The study was based on readings of Popular Education and Alternating Cycle Pedagogy. Listening was essential for reflection on the motivations, limits, and possibilities for maintaining EFAPA's development project over its more than 28 years. As a result, the study pointed out several potentialities of the Pedagogy of Alternating Cycle, its configuration as an alternative of emancipating education. The listening highlighted the work at the grassroots as a great ally in the formation process of the subjects involved in EFAPA. They also reflected on the difficulties of the rural schools linked mainly to the lack of assistance from the competent organs (absence of effective public policy), as well as the crucial importance of reflecting on strategies of financial and administrative self-management as an alternative for the existence of the EFAPAs. The testimonials indicate that agribusiness is a great villain for the peasant people and for the way of doing education in EFAPA, and that the dispute for land and water in this territory are also linked to the dispute for knowledge, therefore they are faces of the same struggle.

Key-words - Pedagogy of Alternating Cycle, Rural Education, EFAs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A SELEÇÃO DOS RETALHOS	11
2. CAPÍTULO METODOLÓGICO: RETALHOS IDENTITÁRIOS	18
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA	22
2.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA	27
3. REFLEXÕES E TECIDOS	31
3.1 EDUCAÇÃO: RETALHO INDIVIDUAL A CONSTITUIR A COLCHA DAS EDUCAÇÕES	31
3.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO POPULAR: DUAS ESSÊNCIAS NO MESMO RETALHO	34
3.3 PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA EM EFAS: REFORÇANDO OS FIOS DE RETALHOS COMUNS	37
CONSIDERAÇÕES	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO: A SELEÇÃO DOS RETALHOS

*Coragem é não desistir de inserir com ousadia, novas cores,
novos retalhos à
colcha gigante que é a Educação.
(Jake Honória)*

A Licenciatura em Educação do Campo é uma colcha gigante, diversa, que está continuamente sendo tecida por muitas mãos. O processo de formação nesse curso exige de nós estudantes a produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o mesmo, no meu caso, é motivado pelo contato com as temáticas provocadas pelos componentes curriculares estabelecidos pela própria organização do curso, e envereda-se por contribuições à partir de estudos e problematizações feitas no Grupo de Pesquisa Docência Currículo e Formação – (DOCFORM), como também o grupo de pesquisa e Extensão - Nova Cartografia Social – (NEA), com um recorte para a região Oeste da Bahia, onde estou inserida, e por fim, a relação com a Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), do município de Correntina - Bahia.

Esses espaços são fonte de onde bebo, inspiração para encaminhar, assim o objetivo principal da minha pesquisa, que consiste em refletir sobre os sentidos atribuídos por sujeitos envolvidos no processo histórico da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia, sobre os desdobramentos dessa ação nos modos de vida do território.

Pensar o processo histórico e educativo em uma Escola Família Agrícola propõe uma desafiadora tarefa de refletir também sobre a educação em seus diversos âmbitos do trocar e tecer, logo, nesse movimento de tecer saberes é também crucial olhar a educação como um tecido gigante, que está por toda parte. Brandão (1981) chama a atenção para o fato de que ninguém escapa da educação em todo o movimentar da nossa trajetória a educação se faz presente, mesmo quando não se tem consciência disso. Freire (1996, p. 51) nos ensina que a “educação é uma forma de intervenção no mundo”, por isso também é intencional, ou seja, não é possível falar em educação sem o comprometimento e a responsabilidade diante dos/s sujeitos/as com quem se propõe a lidar.

Se em todo lugar há um pouco de muita gente, com a educação não é diferente, Brandão (1981) trata a educação como uma fração do modo de vida, criar e recriar, se

reinventar continuamente, é da sua natureza. Assim também é necessário pensar as diversas categorias considerando as suas particularidades, enfatizando a Educação do Campo e a sua concepção, afirmamos que é um processo construído através do conjunto de realidades e histórias presentes no campo, é uma colcha, tecida por muitas mãos. Engloba diversas categorias, mas, as diferenças dessas não as separa, são um só povo. Sobre o argumento, atentamos para Caldart:

São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boia-fria, e outros grupos mais. [...] estamos construindo alguns aprendizados básicos sobre estas diferenças, um deles é que estas diferenças não apagam nossa identidade comum: somos um só povo (CALDART, 2002, p. 19).

É nesse contexto de diversidade e riquezas que se configura os modos de vida dos povos, por isso a necessidade de promover uma educação contextualizada, que seja construída na perspectiva de somar, dar visibilidade à luta e resistência dos povos, que fortaleça os processos identitários e de pertencimento, esse é o papel da educação: potencial, mostrar caminhos, construir caminhos e tecer os fios.

Nas Escolas Famílias Agrícolas - EFAs, o processo educativo é mediado pela Pedagogia da Alternância - P.A, um modelo de educação específico, pensada com e para o povo do campo, uma alternativa que visava incluir e atender as especificidades desse povo de forma contextualizada, sendo assim, o primeiro modelo de Educação voltado para o camponês. Embora não reconhecida naquele momento, a Pedagogia da Alternância tornou-se referência para o modelo de Educação do Campo atualmente, as práticas pedagógicas existentes nas EFAs desde a década de 60, inspira um novo referencial para o modelo de Educação do Campo que vem sendo construído.

Falar da Pedagogia da Alternância, é tecer lentamente os fios de um projeto educativo cheio de rostos, saberes e sabores, por isso mesmo é preciso contemplar, olhar devagar. Carregada de encantamentos e de desafios, a Pedagogia da Alternância instiga a mobilização por propor uma alternativa, ao pensar o processo e o percurso da formação dos sujeitos. Tecer saberes na contramão do que se conhece como tradicional, rompendo as hierarquias da educação bancária.

Para fomentar a reflexão, sobre a Pedagogia da Alternância e seus respectivos significados, o minidicionário Palavra em ação (2004, p. 47 e 562), afirma: Pedagogia é a *arte e ciência da educação e do ensino*, enquanto a Alternância é 1. *ato ou efeito de alternar; revezar*. 2. *cultura alternada de diferentes gêneros de planta no mesmo terreno*. 3. *metade de*

um ciclo de corrente alternada. Então na tentativa de fazer a junção dessas duas palavras, Pedagogia da Alternância propõe ciência e educação construídas em forma de revezamento, alternada e contínua, mas essa expressão está impregnada de sentido bem mais profundo do que aparenta a *definição* inicial.

Pensar a Pedagogia da Alternância é refletir sobre um debate teórico e prático que vem sendo construído, praticado e vivenciado por agentes que defendem um projeto de educação que supere a lógica da formação distante da realidade dos sujeitos do campo. Nesse sentido é que as Escolas Famílias Agrícolas - EFAs propõe os percursos do processo de ensino aprendizagem, assim a história das EFAs, de acordo com Nosella, (2012, p.44) parte da “convicção de um homem, filho de camponês, que por toda a sua vida se comprometeu diretamente com o meio rural, vivendo no meio do povo do interior francês, compartilhando a vida, passado de injustiças, sofrendo as mesmas pressões” que o povo daquele lugar. Desse berço é que nasce a proposta de “uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico”.

As EFAs vêm delineando sua perspectiva de educação há muitos anos, sempre no sentido de construir e fortalecer as relações com o campesinato, valorizando os modos de vida e pensando alternativas de garantir a educação para os povos do Campo, considerando seus sentidos culturais, identitários e de produção, sem que esses povos necessitem deixar o seu lugar para estudar, isso se dá por meio da Pedagogia da Alternância (P.A.). Para Nosella (2014) podemos dizer que a denominação “Pedagogia da Alternância” se refere a uma forma de organizar o processo de ensino-aprendizagem alternando dois espaços diferenciados: a propriedade familiar e a escola, fazendo assim, de forma continuada e integral, a formação dos sujeitos.

Nessa perspectiva, olhar a Educação do Campo com as lentes da Pedagogia da Alternância é pensar a vida dos povos do campo, revisitar memórias, conhecer identidades e culturas. Pensar o campo como lugar de abundante vida é destacar as particularidades presentes nesse campo a partir do modo de vida de cada lugar, considerando o campo como centralidade.

A vivência dos povos nesse lugar de origem está muito além do que se vive no momento, existe todo um movimento de costumes, crenças que vai perpassando entre as famílias ao longo do tempo, por isso mesmo se torna a identidade de cada lugar e cada povo, única. A relação com o território é essencial e sagrada, e a defesa deste também se dá de

forma espontânea muitas vezes, justamente pelo sentimento de pertencimento cultivado a vida toda.

Considerando o pertencimento, os sujeitos da minha pesquisa são pessoas que tiveram desde o início acompanhando as primeiras mobilizações para materialização da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), do município de Correntina – Bahia. Somaram-se com o Padre André, principal idealizador, que recebe como homenagem o nome da escola. Considero que essas pessoas são essenciais para preencher de sentido a minha inquietação de pesquisa, em especial por estarem comprometidos/a com a defesa desse projeto de educação no município de Correntina. A proposta dialoga primordialmente com a participação e escuta de três sujeitos e uma sujeita, totalizando quatro entrevistas, fios importantes no tecer dessa colcha.

Como poderia então trazer o histórico da EFAPA sem apresentar alguns dos seus fios condutores? Sem esses a escrita ficaria vazia, com lacunas grandiosas, pois ninguém melhor para contar a história do que quem a vivenciou desde o princípio, e essa é a principal razão pela qual defini os meus sujeitos de pesquisa. São pioneiros/a deste projeto, estiveram no local, ajudaram a colocar as primeiras pedras para a construção das casas em mutirão, sonharam, lançaram as sementes que seguem multiplicando até os dias atuais, é uma semente viva.

Agricultores/a professores que vivenciaram o sonho, a implantação e contribuíram com a formação dos/as primeiros/as jovens ingressos na escola e continuam vinculados, mesmo que indiretamente ao andamento do projeto EFA, isso significa vivência concreta, prática, atuação, portanto são essas pessoas quem darão o sentido da concretude nessa escrita, razão pela qual não poderiam ficar de fora da minha pesquisa, portanto o critério de escolha destes sujeitos é o tempo de atuação e relação com o meu campo de pesquisa desde a sua fundação.

Para além da relação com o processo educativo, são pessoas que historicamente estão ligadas às organizações e luta por terra e água nesse território, delinear esses traços é pensar a terra como espaço de produção de vida é pensar para além da produção agropecuária, considerando principalmente que existe uma cadeia de relações vitais que acontecem na terra e no território que significam, dão sentido e vida aos povos que cuidam e vivem a partir da permanente relação com o campesinato. Portanto, pensar um projeto de educação que contemple as particularidades e que especialmente seja construído junto a esses povos parece de fato ser algo emancipatório. Partindo do ponto de vista de que a construção do conhecimento acontece a todo tempo em todos os lugares, relacionar a potência e a

importância deste à qualidade de vida dos sujeitos é uma necessidade que precisa ser olhada e refletida com bastante cuidado, compromisso e pertencimento.

Nessa perspectiva, o que motiva a escrita e a vivência pode ser muitas vezes a necessidade ou o desejo de adentrar mais profundamente alguns campos com a intenção de conhecê-los mais intimamente. Só o conhecimento permite uma reflexão consistente e amadurecida sobre as realidades diversas, portanto, a produção desse trabalho origina-se da inquietação acerca da proposta de educação praticada nas Escolas Famílias Agrícolas com um foco específico na Escola Família Agrícola Padre André, no município de Correntina - Bahia.

As EFAs propõem a inclusão e participação direta dos sujeitos no seu processo de formação, buscando contribuir para que haja a conscientização de estudantes que assumam o protagonismo de suas histórias e o papel de contribuir com o avançar de suas comunidades a partir do movimento que a alternância orienta por meio dos tempos formativos.

O jovem, nesse contexto de família e escola, encontra ambiente propício para a aprendizagem, pois, por um lado, permanecendo no meio (casa), mantém o vínculo afetivo com a família e a comunidade e continua desenvolvendo as atividades sócio-profissional-cultural no meio em que vive; por outro, afastando-se de seu meio, possibilita refletir sobre ele (meio) e adquirir novos conhecimentos para a sua ação transformadora. Essa ação, o jovem assume livre e conscientemente, numa atitude filosófica de desvendar a realidade, como ser investigador e questionador. (NOSELLA, 2012, p.44)

A justificativa se amplia por minha vivência/ experiência, observando essa formação como fundamental para a juventude, sobretudo a juventude camponesa, percebe-se a necessidade de que sejam criadas alternativas para que esta continue existindo e resistindo, para isso é necessário conhecer o projeto e a forma de educação oferecida por este ao longo do seu processo histórico.

O fomento pessoal e político emerge da vivência concreta no espaço da escola, hoje eu não saberia contar a minha história sem vincular de alguma forma à minha trajetória na EFAPA, foi um divisor de águas, a partir deste contato houve o despertar para vários sentidos, sentidos nos quais foi depositando energia e vitalidade que resultam no perfil que venho construindo continuamente.

Sou egressa da 7ª turma do ensino fundamental com iniciação Técnica em Agropecuária, alguns anos depois de concluir o ensino médio, me somei à equipe da escola como secretária escolar, função a qual desenvolvi por vários anos, numa EFA, as funções são sempre mais do que a aparente competência para tal, então desde muito cedo comecei também a contribuir com atividades diversas dentro e fora do ambiente escolar. Atualmente sou monitora educadora acolhendo o desafio de aprender e ensinar com as diversas trajetórias que compõem esse espaço, na Pedagogia da Alternância a função da monitoria se configura como

o acompanhamento do todo, se faz um pouco de tudo que precisar, “O perfil do monitor traçado pelo Plano Pedagógico do Centro de Formação é extremamente rico e sugestivo, um verdadeiro educador que “acompanha e ajuda” (NOSELLA,2012, p. 97), o/a monitor/a é aquele profissional com múltiplas funções, como afirma Umbuzeiro (ENTREVISTA, 2022) e *um profissional que além de assumir a sala de aula ele assume outras atividades no âmbito da escola, os setores, acompanhamento dos estudantes na propriedade da escola, acompanhamento às famílias dos estudantes, é um profissional que mora na escola, com uma relação que inclusive está para além do espaço da escola, isso se dá por meio das mediações pedagógicas nas quais a Pedagogia da Alternância se ancora.*

De acordo com Sena (2017, p. 35), a Pedagogia da Alternância é uma importante ferramenta que dá possibilidade ao jovem de “comprometer-se, experimentar, avançar tecnicamente, responsabilizar-se, dialogar e inserir-se no campo com os adultos na busca de soluções de problemas, na busca de melhorar a qualidade de vida”, tudo isso de maneira consistente a partir da busca e alcance de conhecimento condizentes com a realidade.

Existe uma responsabilidade histórica dos sujeitos envolvidos nessa trajetória. Em Correntina a Escola Família Agrícola abre as portas e inicia a caminhada formativa em 14 de março de 1994, trabalhando na perspectiva da educação junto aos sujeitos do campo, almeja-se nesse sentido reconhecer as motivações que sustentam e mantém vivo esse projeto ao longo do tempo, considerando principalmente as dificuldades em construir metodologias na perspectiva da educação popular, “para a Educação popular o trabalho educativo tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos que interfiram para transformar a realidade” (PALUDO, 2012, p. 286)

Acredita-se que a educação voltada e construída junto com os sujeitos do campo, é, apesar de desafiadora, um gargalo para a inserção do povo camponês em espaços estratégicos de representatividade que possibilita a potencialização desses sujeitos em seus lugares de origem. As EFAs, portanto, assumem com muito compromisso e qualidade esse desafio e vem contribuindo de forma concreta com esse processo.

Nesse sentido, o problema que a pesquisa propõe a resolver consiste em entender quais os sentidos atribuídos dos sujeitos envolvidos no processo histórico da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia, e os desdobramentos dessa ação nos modos de vida do território? Como objetivos específicos indicamos:1) Delinear elementos do processo histórico de resistência e existência da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia; 2) Relacionar as categorias Educação do Campo, dialogicidade e modos de vida, no contexto da pesquisa; 3)

Problematizar as falas dos sujeitos sobre desafios, limites e possibilidades geradas pela implantação da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia.

Buscamos, através da escuta, pensar motivações, desafios, limites e possibilidades, bem como as estratégias para manutenção do projeto de envolvimento ao longo da história. Para discutir os dados utilizaremos a técnica de análise de conteúdo. O estudo fundamenta-se em leituras da Educação com Brandão (2007), Educação Popular por Paludo (2012) e Gadotti (2012), Nosela (2012) com as abordagens sobre a Pedagogia da Alternância e Caldart (2002) sobre a Educação do Campo. Como instrumentos, a produção de dados articula-se a partir da abordagem qualitativa de pesquisa, mediada por análise documental do Projeto Político Pedagógico e entrevistas semiestruturadas com participantes relacionados ao processo histórico da EFAPA.

Isto posto, como estrutura, após a introdução com a seleção dos retalhos, discorreremos sobre um capítulo metodológico, com o caminhar dos retalhos, seguido de uma seção refletindo sobre educação e os desafios para se tecer uma colcha e pensar as formas de *educações*. Na sequência enfatizamos a relação entre Educação do Campo e Educação Popular, como duas essências no mesmo retalho. Por fim refletimos sobre a Pedagogia da Alternância em EFAS, reforçando os fios de retalhos comuns, e tecemos considerações. Nesse momento passamos a discutir o caminho metodológico nesse processo.

2. CAPÍTULO METODOLÓGICO: RETALHOS IDENTITÁRIOS

*Cada retalho carrega uma identidade impregnada de sentidos,
conhecer os retalhos é garantir qualidade para a colcha,
é analisar os fios com afeto e pertencimento.*

Neste capítulo apresentaremos os conceitos de metodologia e pesquisa bem como os caminhos percorridos, vamos adentrar no campo de pesquisa e localizar geograficamente a Escola Família Agrícola e o seu raio de atuação, tendo como objetivo principal de analisar os sentidos atribuídos dos sujeitos envolvidos no processo histórico da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia, sobre os desdobramentos dessa ação nos modos de vida do território.

De acordo com Minayo (2002, p. 16) “Entende por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” assim, é a metodologia que orienta os passos fundamentais da pesquisa e responde às expectativas relacionadas à justificativa e objetivos. A pesquisa diferentemente da poesia e da arte, não se fundamenta na inspiração, parte de princípios teóricos e conceituais (MINAYO, 2002, p. 25), que dão maior consistência ao resultado que se almeja alcançar, a partir de olhares e informações que se cruzam ou convergem ao longo da escrita.

A pesquisa foi realizada na Escola Família Agrícola de Correntina, situada no Sítio Terra Nova – KM 15, Harmônio/Arrojado, município de Correntina, Estado da Bahia. Os sujeitos da pesquisa, conforme já mencionado, foram pessoas que estiveram (e estão) envolvidas no processo de construção, implantação e permanência do projeto, bem como na manutenção do mesmo em Correntina. A pesquisa de caráter qualitativo teve como fonte principal o depoimento de sujeitos. Atuamos com quatro pessoas contribuindo com a participação direta na pesquisa. Os retalhos se ajustam considerando entrevistas semiestruturadas e pesquisas bibliográficas. Assim, também analisamos documentos, com arquivos na própria instituição tendo como principal destaque o Projeto Político Pedagógico da instituição.

De acordo com Minayo, (1994, p. 21) a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, baseia -se nas ciências sociais e considera aspectos diversos: “Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1994, p. 21,22). Esses aspectos dão sentido, movimento e qualidade consistente à pesquisa.

A pesquisa qualitativa acontece em ciclos, e o primeiro passo parte de uma interrogação que possivelmente gerará perguntas posteriores, portanto a busca por resposta, vai gerando perguntas preliminares, estas vão movendo e qualificando a pesquisa além de dar elementos para o ciclo seguinte que é o trabalho de campo, é uma etapa importante para o avanço da pesquisa, neste campo pretende-se realizar a visitação aos sujeitos da pesquisa com o intuito de realizar a entrevista e levantar dados por meio da mesma. De acordo com Minayo:

[...]O trabalho de campo consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, institucional etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias (Minayo,1994, p.26).

Seguido desse levantamento de dados acontece a organização e reflexão acerca dessas informações, a qualidade da pesquisa depende também disso, pois se imagina que por mais rica que seja uma pesquisa se os dados não estiverem colocados de forma coerente e que sejam transmitidos de forma objetiva, não dirá muita coisa. Portanto Souza, nomeia esse ciclo como “tratamento do material” e subdivide esse tratamento em: “ordenação, classificação e análise propriamente dita” (SOUZA, 1994, P.26). Por meio desses passos é possível confrontar a abordagem teórica feita anteriormente com os dados obtidos em campo. Considerando ainda que na prática, o ciclo não se fecha pois todos eles acabam provocando novas inquietações. A partir do cumprimento desses passos pode se obter informações consistentes que orientarão as possíveis alternativas como também poderá aguçar novas inquietações acerca da temática.

A escolha desse caminho, ou seja, dessa forma de entrevista se deu pelo fato de facilitar o diálogo, deixando-o mais aberto e livre, considerando inclusive que os/a entrevistados/a tem uma relação de pertencimento muito forte com o campo de pesquisa, possibilitando falas carregadas de sentidos e emoções que uma entrevista fechada pode privar, nesse sentido, as entrevistas semiestruturadas serão preferíveis nessa pesquisa, conforme apresenta Manzini:

Na entrevista semiestruturada, a resposta não é condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador como ocorre na entrevista com dinâmica rígida. Geralmente na entrevista semiestruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas às entrevistas. O uso do gravador é comum a este tipo de entrevista. É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre. (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

Todo esse caminho, se configura como fios que tecem a colcha principal que é a Educação, pensar o processo educativo é pensar também nos sujeitos que constitui

continuamente a formação de um/a sujeito/a. Apresenta-se a seguir as discussões que dialogam com essa perspectiva, sendo a Educação do Campo a chave mestra dessa condução.

No meio rural o agricultor não para de trabalhar nunca, porque o trabalho é geralmente encarado como algo fundamental na sua vida, da família e do meio onde vivem. O/a jovem que frequenta a EFA, continua trabalhando com os pais, com isso ele valoriza aquilo que eles fazem e sabem. Isso acontece por meio da Pedagogia da Alternância, esta é uma espécie de ponte entre os dois principais espaços (escola e comunidade) e os principais públicos (escola, família, estudantes) valorizando necessariamente os conhecimentos e práticas oriundas das diversas realidades isso vai de encontro à perspectiva de defesa da Educação do Campo, Caldart (2004) enfatiza que:

[...] um aprendizado humano essencial é olhar no espelho o que somos e queremos ser; assumir identidades pessoais e sociais, ter orgulho delas e enfrentar o desafio do movimento de sua permanente construção e reconstrução. Educar é ajudar a construir e fortalecer identidades; desenhar rostos, formar sujeitos. Isso tem a ver com valores, modo de vida, memória, cultura. (CALDART, 2004. P.26)

O diálogo de uma educação pensada junto e em sintonia com as realidades, considerando os saberes culturais acumulados ao longo do tempo, criando possibilidades de refletir sobre estas e potencializar a atuação dos povos, para que estes tenham melhor qualidade de vida e vida digna, é muito vivo nas Escolas Famílias Agrícolas, “o movimento da Pedagogia da Alternância nasceu e se desenvolveu no âmbito dos movimentos sociais de natureza associativa ou cooperativa. Sustenta-se na mobilização e organização popular, sendo as famílias corresponsáveis das escolas” (FOERSTE, s/d, p. 29) e os interlocutores desse processo são estudantes, educadores/as, famílias e comunidades, que fazem o movimento da alternância gerar resultados condizente com as realidades postas que de variadas formas, trocam constroem e buscam conhecimentos. Silva (2012) afirma que:

A representação da alternância como instrumento facilitador da aprendizagem assenta-se na dinâmica do processo de formação, que objetiva fazer a ligação entre as experiências vividas pelo aluno na propriedade e o conhecimento teórico desenvolvido na escola, a originalidade da proposta pedagógica de formação em alternância como uma “forma diferente de buscar conhecimento”. (SILVA, 2012. P.81).

O ato de educar, na atualidade, tem se apresentado como um desafio aos educadores/as, já que o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade amplia-se cada vez mais e aponta para a necessidade de se construir uma escola reflexiva voltada para a formação de cidadãos, espaço de transformação onde seja permitido a todos/as o acesso a conhecimento socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Assim os sujeitos refletem e constroem suas trajetórias a partir e em diálogo com o seu contexto inserido, pensar a partir do lugar e com o seu povo, considerar cultura, costumes, traços, modos de vida, conforme o próprio Freire (2003) chama a atenção para a Pedagogia do Oprimido como aquela construída com os sujeitos e não para eles, que utilize das lutas e causas como objetos de reflexão que resulta como engajamento na luta por sua libertação. (FREIRE, 2003, p.43), por isso mesmo a inserção dos sujeitos no processo de formação está diretamente relacionada à liberdade, à autonomia e à visibilidade das particularidades das trajetórias múltiplas, diversas.

O princípio da humanização na educação pode ser pensado a partir do campo dessa educação, ou seja, pensar em que campo se quer trabalhar um projeto de educação que tenha como foco o modo de vida dos sujeitos que a acessam, para tanto podemos pensar a escola como um dos espaços que dá condição de construir uma educação voltada para e com os povos do campo, portanto pode se destacar a Educação do Campo como perspectiva dessa proposta, evidenciando também a educação popular como um “paradigma teórico nascido no calor das lutas populares que passou por vários momentos epistemológicos e organizativos, visando não só à construção de saberes, mas também ao fortalecimento das organizações populares” (GADOTTI, 2012, p. 22), esse portanto é o campo da Educação do Campo, que se constitui continuamente ao beber da fonte, no seio dos movimentos e das organizações sociais que traçam o seu percurso à base de lutas e garantia de direitos para os povos.

Essa pesquisa, e a interpretação dos dados, se materializou por meio da análise de conteúdos advindos das entrevistas dialogadas na perspectiva de rememorar a história. Para Bardin (1977) “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”, portanto, a essência da participação está para além do que somente é dito, mas todo sentido envolvido na fala “busca de outras realidades por meio das mensagens” (BARDIN, 1977, p.25), mensagens que são evidenciadas por meio de gestos, expressões que têm relação direta com a que se quer transmitir, por meio da entrevista e da análise de conteúdo pode se chegar à essência da pesquisa.

Considerando o tempo histórico em que se deu a construção do caminho metodológico, as entrevistas aconteceram em diferentes formatos, devido à dificuldade em conciliar tempo estudo, trabalho e gravidez, utilizou-se da liberdade de construir novas possibilidades para garantir a concretização desse trabalho, portanto, duas entrevistas, com *Rio Arrojado* e *Umbuzeiro* foram realizadas na sede da escola, conciliando com outras atividades, a entrevista com *Pequizeiro* foi via preenchimento de questionário e encontro posterior para dialogar sobre o mesmo e com *Rio Corrente* foi utilizada a entrevista feita em ocasião dos 25

anos da escola, material transcrito em diálogo com a minha atuação como pesquisadora na Cartografia da EFAPA, trabalho conduzido com o grupo Nova Cartografia Social do Oeste, desde 2017. No texto as falas dos entrevistados e da entrevistada aparecem em itálico como forma de destaque.

A utilização de nomes fictícios está relacionada a potência do Cerrado e Caatinga, os sujeitos estão identificados com nome de árvores e rios, sendo Rio Arrojado o rio que banha a todo o vale do Arrojado, onde inclusive está inserida a EFAPA, Rio Corrente que simbolicamente recebe o nome do território “Bacia do Rio Corrente”, expressivo rio que deságua no São Francisco, O umbu é uma árvore típica da Caatinga, simboliza a resistência e a capacidade de armazenar água e manter-se viva diante do forte sol no período mais seco, no pátio da escola a árvore do umbuzeiro é símbolo vivo desde antes da sua fundação e o Pequi, é árvore característica do Bioma Cerrado, com seus troncos retorcidos, além de muita beleza, expressa a capacidade de armazenar profundas raízes, que simboliza a busca por água e manutenção da vida, além disso, oferece um saboroso fruto que alimenta o povo *geraizeiro* de forma peculiar.

Diante desse caminho metodológico aqui evidenciado, apresenta-se a seguir as características do campo de pesquisa e os sujeitos desta.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

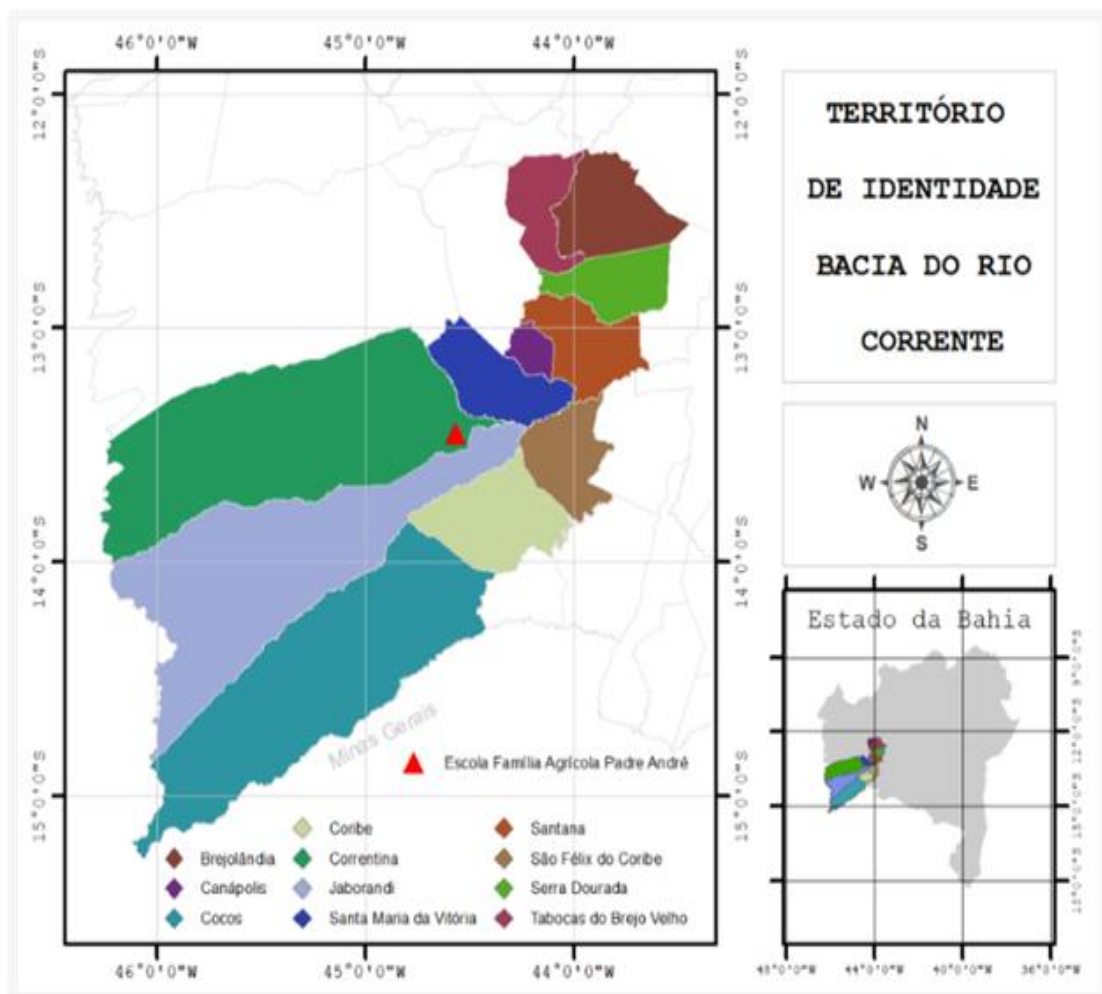
A região Oeste da Bahia é rica em diversidade cultural, recursos hídricos, bem como os vários modos de vida, tornando assim conhecida, pela bravura e organização dos povos em defesa dos seus recursos naturais e Correntina de modo especial é conhecida como Cidade das águas pela característica peculiar do seu povo no processos de luta em defesa das águas e dos territórios diante da difusão do modo de produção capitalista e do agronegócio que avança de forma desenfreada sobre os afluentes dos rios presentes no município e região. Nesse sentido se busca fomentar nos/as estudantes o sentimento identitário e de pertencimento na perspectiva da contextualização do meio através da inserção de discussões atreladas ao modo de vida em seus territórios.

O bioma predominante na região Oeste da Bahia é o Cerrado, com algumas áreas em transição com a Caatinga, a principal fonte de renda das famílias vem do desenvolvimento das atividades voltadas para agricultura e/ou pecuária, Correntina está inserida no território de Identidade, Bacia do Rio Corrente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019) O Território Bacia do Rio Corrente contempla uma área de

45.197,04 km², abrange 11 municípios, e limita-se com os Territórios Bacia do Rio Grande, Velho Chico e com os Estados de Minas Gerais e Goiás (SIPAC, 2012). Um dos municípios integrantes do território é o município de Correntina, localizado na região oeste da Bahia, com uma área de 11.504,314 km² e uma população estimada de 32.243 habitantes (IBGE, 2019).

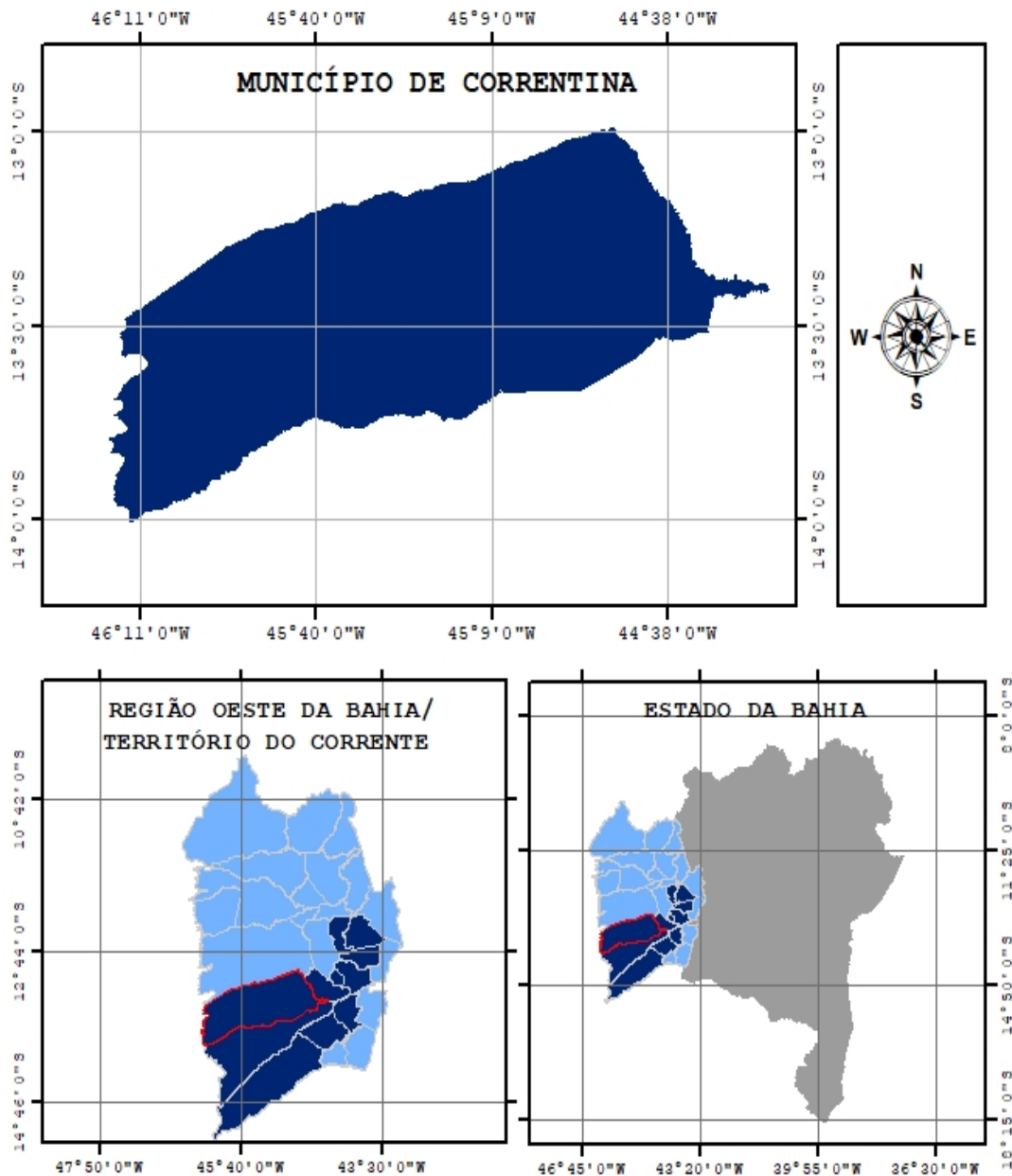
O mapa do território de identidade caracterizado como Bacia do Rio Corrente, é composto por 11 municípios sendo: Brejolândia, Canápolis, Cocos, Correntina, Coribe, Jaborandi, Santana, Santa Maria da Vitória, São Félix do Coribe, Serra Dourada e Tabocas do Brejo Velho.

Figura 1: Mapa do Território de Identidade Bacia do Rio Corrente



Fonte: Elaboração de Jakeline Honória de Souza.

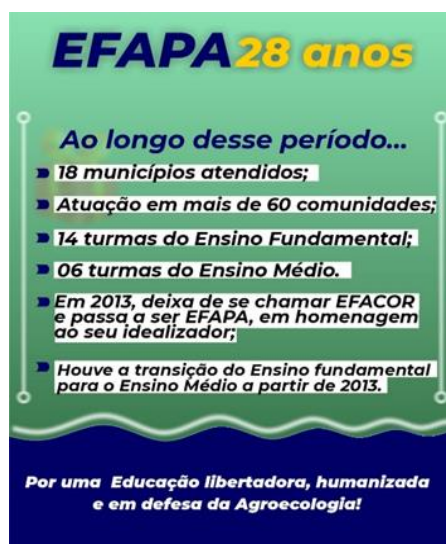
Figura 2: Mapa de Localização do Município de Correntina no Oeste Baiano



Fonte: Elaboração de Jakeline Honória de Souza.

No município de Correntina está localizada a Escola Família Agrícola Padre André, ela atende ou já atendeu em algum momento ao longo dos seus 28 anos, estudantes da maioria desses municípios. A Escola Família Agrícola Padre André, está situada a 15 km da sede do município de Correntina-BA, na zona rural denominada comunidade de Harmônio/Arrojado.

Figura 3: Encarte de divulgação da EFAPA (2022)



Fonte: Acervo EFAPA.

A EFAPA é gerida por uma associação mantenedora, denominada Associação Comunitária da Escola Família Agrícola Rural de Correntina e Arredores (ACEFARCA), faz parte ainda da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido - REFAISA, rede que integra 12 escolas do Estado da Bahia e 1 do Espírito Santo, o objetivo dessas entidades é somar forças no processo de construção do saber voltado para a Pedagogia da Alternância e a Educação do/no Campo.

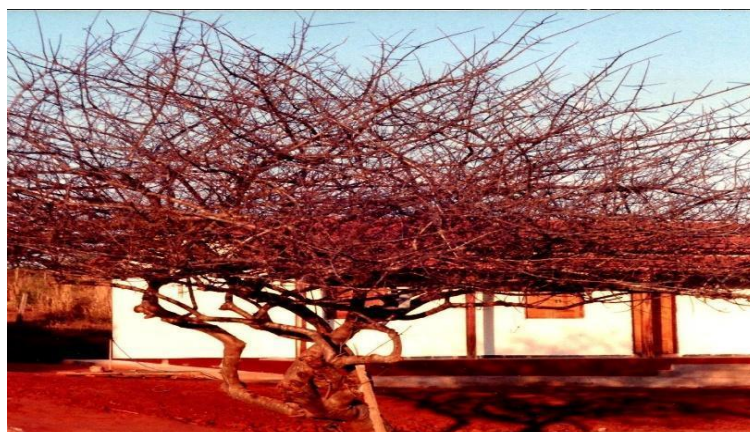
O espaço físico da escola detém uma área rural de 21 ha, onde existem instalações apropriadas para as atividades pedagógicas tais como: salas de aula, dormitórios, refeitório, laboratórios, biblioteca entre outras. Da mesma forma os setores didáticos pedagógicos que estão equipados com viveiro, pomar, horta, jardinagem, culturas anuais, plantas medicinais, aviário, pocilga, aprisco, curral, áreas de pastejo, sistema de reuso de água e reservas estratégicas, bem como outros campos de experimentos e vivências que dão suporte na formação técnica, pedagógica, humana, ambiental e social dos/as jovens na escola.

Figura 4: Arquivos da escola - (1998)



Fonte: Acervo EFAPA.

Figura 5: Umbuzeiro simbólico no pátio da escola – arquivos da escola (1998)



Fonte: Acervo EFAPA.

Figura 6: Arquivos da escola - (2019)



Fonte: Acervo EFAPA.

Figura 7: Arquivos da escola - (2022)



Fonte: Acervo EFAPA.

A Escola Família Agrícola, fez uma transição de nomes, sendo que no período de 1994 a 2013 a escola era identificada como Escola Família Agrícola de Correntina – EFACOR, ao longo desse tempo iniciaram as reflexões sobre a necessidade de homenagear o seu principal idealizador, Padre André, e então em 2013 se consolida a decisão em assembleia e a escola passar a ser Escola Família Agrícola Padre André – EFAPA, houve também nesse mesmo tempo período a transição do Ensino Fundamental com iniciação Técnica em Agropecuária para o Curso Profissional Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, desde 2013 a escola trabalha com 4 turmas consecutivas que vão do 1º ao 4º ano, 07 turmas já concluíram o Curso Técnico até 2022.

É pertinente destacar que o Conselho Estadual de Educação, renovou em 29 de dezembro de 2022 a autorização para o funcionamento da Escola Família Agrícola Padre André, reconhecendo nome e formação oferecida pela mesma pelos próximos 06 anos, isso potencializa, motiva e assegura o trabalho prestado pela EFAPA.

RESOLUÇÃO CEE Nº 310/2022 - Credenciar, nos termos do Art. 3º, § 3º, da Res. CEE 172/2017, a EFAPA - Escola Família Agrícola Padre André e Autorizar por 06 (seis) anos, a partir da data de publicação deste ato, o funcionamento do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, no município de Correntina/BA. (BAHIA, Resolução CEE Nº 310/2022. Diário Oficial, ano CVII-Nº23.571).

Diante do exposto, é notório o quanto é importante o papel da EFAPA na vida dos agricultores familiares, uma instituição de ensino que lutou e continua lutando pelos direitos do povo camponês de forma coerente, acompanhando as exigências burocráticas sem perder de vista as raízes, os princípios e valores humanos do homem e da mulher do campo.

O processo de ensino e aprendizagem se baseia na teoria e prática, onde a teoria alinhada à prática consolida a contextualização do saber, contribuindo assim para o processo educativo e para a emancipação do sujeito dentro da sua área de formação, sem perder os princípios e costumes que o seu povo produziu e produz ao longo do tempo.

A EFAPA se orienta por meio da Pedagogia da Alternância que surge em um contexto social e político bastante crítico no sentido de negação de direitos e chega ao Brasil em um período pós-ditadura, ao longo do texto serão feitas reflexões nesse sentido. Quando se pensa em uma escola que atenda às necessidades de filhos e filhas de camponeses/as, existe além de muita ousadia no ofício de fazer educação, um grande desafio em fazer valer e acontecer o dia a dia na construção do processo formativo desses sujeitos, de forma integral e contínua.

2.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

O critério de seleção dos sujeitos da pesquisa se deu por compreender que o envolvimento destas pessoas no processo de desenvolvimento da escola, participando diretamente da implementação, vivenciando os desafios, construindo caminhos e o fato de que ainda permanecem envolvidos nas ações da EFAPA, me permitiram perceber que essas pessoas poderiam contribuir de forma grandiosa com a constituição do meu trabalho. Na sequência apresenta-se os sujeitos e a sujeita dessa pesquisa, vejamos o quadro:

Quadro 1: Caracterização de participantes da pesquisa

NOME	COR / SEXO	IDADE	PROFISSÃO/ RELAÇÃO COM A EFAPA	NOME FICTÍCIO
Genival de Souza Lopes	Branco/ masculino	59 anos	Agricultor familiar Licenciado em matemática Diretor da EFAPA	Umbuzeiro
Iremar Barbosa de Araújo	Descendente de português, negros e indígenas. Qual a minha cor? /masculino	53 anos	Professor primário – séries/anos iniciais Monitor nos primeiros anos de funcionamento	Pequizeiro
Jandira Pereira	Branca/ Feminina	53 anos	Educadora Social Ex-monitora/	Rio Corrente

Neves Lopes			Colaboradora - EFAPA	
João Barbosa de Oliveira	Pardo / masculino	56 anos	Agricultor familiar / Sócio efetivo	Rio Arrojado

Fonte: Elaboração de Jakeline Honória de Souza (2022).

Conforme já mencionado anteriormente, os sujeitos e a sujeita da minha pesquisa aparecem ao longo do texto com nomes fictícios, como forma de demarcação do lugar onde estão inseridos e como reafirmação dessa potência, nas entrelinhas vamos tecendo e dando voz a dois rios perenes e duas árvores resistências vivas deste lugar. No quadro acima dentre outras informações podemos identificar os nomes reais de cada participante. A seguir, encontram-se maiores detalhes sobre o cada integrante da pesquisa a partir das suas próprias colocações durante as entrevistas.

As pessoas que fazem parte diretamente desse trabalho, como tantas outras poderiam estar também participando, são continuamente desafiadas e provocadas a seguir contribuindo e ressignificando esse projeto da EFAPA, que hoje se encontra em um contexto diferente. Por um lado, com maiores dificuldades, por outro com novas perspectivas, essas pessoas estiveram e estão desde o início são chamadas de *pioneiras*, são como pilares de sustentação que vão aos poucos lapidando novos sujeitos e preparando as dinâmicas de sucessão, atentas para a realidade de assumir com qualidade a missão de manter vivo esse tão sonhado e suado projeto. Aqui denominamos a transcrição de *registro dos pioneiros*:

Quadro 2: O registro dos pioneiros

Genival de Souza Lopes

“Sou Genival de Souza Lopes, sou natural da zona rural, comunidade de Harmônio/Arrojado, filho de agricultores, de uma família de 6 irmãos sendo 4 homens 2 mulheres e eu sou o filho mais velho da família, desde o meu nascimento eu já integro a um espaço camponês, e com relação aos movimentos, a minha integração se dá na Escola Família Agrícola, então essa é a minha integração direta num movimento educacional, uma educação voltada para o campo.

Desde o meu tempo de estudante eu sempre quis seguir os meus estudos numa área que atendesse a minha realidade eu nasci no campo e os meus pais agricultores, criadores rurais, a minha intenção era fazer um curso superior na área, na época eu queria muito fazer

veterinária, mas naquela época era muito mais complicado porque precisava passar por um vestibular e o vestibular do curso de veterinária era muito concorrido, eu fui pra Goiânia tentei o vestibular por 3 vezes mas como não consegui acabei desistindo, voltando pra Correntina eu tomei conhecimento da EFA, mas nesse período que eu fui pra Goiânia eu fiz o curso de contabilidade, então a minha formação de nível médio era Técnico em Contabilidade, depois que eu comecei a trabalhar na EFA eu fiz um curso de 8 meses para conhecimento de como funcionava a EFA, onde a gente trabalhou muito a questão da Pedagogia da Alternância, depois de estar trabalhando na EFA eu tive a oportunidade de fazer o curso superior em matemática. a aproximação com a escola foi devido a minha vocação, o querer atuar na área do campo, agricultura, criação, está mais próximo dos agricultores então foi isso que me levou a está desde início no trabalho de base integrando a equipe da EFA, e foi isso que me conduziu a esse espaço que estou até hoje”.

Iremar Barbosa de Araújo

“Me chamo Iremar Barbosa de Araújo; sou filho de agricultores (Jesuína da Conceição Araújo e Martinho Barbosa de Araújo – ambos falecidos). Nasci numa pequena comunidade rural do interior do município de Santa Maria da Vitória – BA, em plena ditadura militar.

Cresci no meio rural, até os 18 anos, fazendo tudo que uma pessoa que nasce nesse meio faz: planta, colhe, cuida dos animais, enfim.

Ao completar 18 anos, fui para uma cidade vizinha ao município de Santa Maria da Vitória, por nome de Correntina, lugar onde fixei residência até os dias atuais;

Faz sentido para mim a luta por terra e territórios livres (porque necessito deles para minha liberdade); por água (para saciar minha sede e outras mil utilidades); por organização dos pequenos agricultores na defesa de seus modos de vida (fechos de pasto, fundos de pasto) e das comunidades tradicionais do vale do Rio Corrente. Faz sentido a luta política, meio pelo qual é possível dizer, ao menos, de que lado estou na história da humanidade”.

Jandira Pereira Neves Lopes

“Sou Jandira Pereira Neves Lopes, mulher, mãe, educadora, filha de agricultores (Pedro Vieira Neves e Leopoldina Joaquina Pereira – ambos falecidos) nascida na comunidade de

Mato Dentro, Zona Rural do município de Correntina, militante das causas sociais, atualmente residente em Correntina, fiz parte da equipe fundadora da EFACOR, atualmente EFAPA, onde atuei como monitora durante 15 anos, sendo a única mulher da equipe durante alguns anos, hoje sou colaboradora e atuo junto aos projetos coordenados pela ACEFARCA, me considero educadora social pelo fato de está envolvida nas diversas frentes populares dentro do território”.

João Barbosa de Oliveira

“Sou João Barbosa de Oliveira, conhecido como João da Baixa Grande, sou viúvo, pai de três filhas e sou também um dos fundadores da Escola Família Agrícola. Tenho ensino Médio, já atuei na no município como secretário de agricultura por 3 mandatos, mas atualmente só trabalho com a agricultura familiar. Faço parte da Associação da minha comunidade, Associação dos Pequenos Agricultores de Baixa Grande”.

A transcrição das falas é expressão do registro vivo nas entrevistas e aqui pode-se reafirmar como forma de renovação, estímulo também de seguir tecendo a colcha significativa que é esse trabalho, a Escola Família Agrícola foi desde o seu início, desde os primeiros momentos, quando foi gestada a ideia e parida por alguém, ela nasceu com a perspectiva do coletivo, e a EFAPA é uma colcha gigante tecida por muitas e múltiplas mãos, mãos que são semeadoras de esperança e resistência, esse espírito coletivo e resistente é o que o mantém vivo mesmo em contextos tão assoladores.

3. REFLEXÕES E TECIDOS

3.1 EDUCAÇÃO: RETALHO INDIVIDUAL A CONSTITUIR A COLCHA DAS EDUCAÇÃOES

*E o que seria da nossa gigante colcha
sem a consistência dos seus fios condutores?
A educação constituída na boniteza
expressa em cada retalho,
então o enredo maior do movimento
de educar-se e ser educado/a constantemente.
(Jake Honória)*

Pensar a Educação é pensar em uma colcha gigante e colorida, colcha tecida por muitos rostos, muitas mãos e, portanto, composta por muitas histórias. Para Brandão (2007, p.64) Educação “é o processo contínuo, que começa nas origens e se estende até à morte” logo pode -se afirmar que o nosso percurso educativo está presente em todo lugar, o tempo todo e por toda a vida. A educação então é o nosso eixo gerador, que nos conduz e nos constitui como pessoa humana. Essa gigante e abrangente colcha, portanto, pode ser observada de diversos ângulos, propiciando diversas leituras a partir de muitos olhares e contextos, que também orienta como se interpreta, vivencia e constrói a perspectiva diversa dessa simbólica composição.

Quando se pensa em educação, naturalmente se remete à escola, porém, Brandão (2007) chama a atenção no sentido de que a educação está em todos os lugares e no ensino de todas as formas de saberes, a escola não é o único lugar onde ela ocorre o professor não é o único agente. Inclusive todo um processo para se ter êxito na escola, pode se iniciar no trabalho com a família, considerando a realidade em que esta vivencia diariamente, nas Escolas Famílias Agrícolas essa construção é contínua.

Existem inúmeras educaçãoes, para cada sociedade existe um tipo próprio de educação, pois é a forma de reprodução dos saberes presentes em uma cultura, “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos/as os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 2007, p. 04), então fazemos e vivemos a educação contínua e constantemente.

Nesse processo, os agentes são de extrema importância, pois, consciente ou não reproduzem ideologias que atendem ou não a maioria dos grupos sociais, logo é evidente que educação está para além da escola, uma vez que os espaços não escolares são também formadores dos/as sujeitos, a partir da sua leitura de mundo e da sua trajetória, como afirma Brandão (2007) “ninguém escapa da educação” em todo lugar estamos em constante contato

com ela, “para aprender, para ensinar, para aprender-se-á a e ensinar” (BRANDÃO, 2007, p. 04), nos diversos mundos e modos de viver, somos seres em constante construção pessoal e coletiva em educação.

A concepção de educação nessa perspectiva leva-nos a compreender que os processos de formação dos sujeitos são constituídos continuamente, ressaltando que educação em espaços não escolares também é parte da trajetória dos sujeitos e acontece concretamente nas bases deles, por meio da leitura de mundo e ações coletivas e individuais. Para Zucchetti e Moura (2010):

[...] é preciso considerar que as práticas de educação que ocorrem além da escola (em especial nos projetos socioeducativos e nos projetos que resultam de políticas públicas), ainda que contando com a presença de um mediador estagiário ou voluntário – o “educador” – em substituição à figura tradicional do professor, necessariamente visam implementar processos de ensino e aprendizagem. Isso implica reconhecer que, inevitavelmente, tanto quanto as práticas de educação escolar, as chamadas práticas de educação “não formal” também estão submetidas às modulações da dinâmica das relações poder-saber. (ZUCCHETTI E, MOURA, 2010, p. 632)

Nesse sentido a educação em espaços escolares e não escolares perpassa por outras reflexões no sentido de que em tudo há intencionalidade, é preciso um olhar minucioso e crítico para percebê-la e considerar que não é por acaso que as coisas acontecem mesmo sendo ou parecendo corriqueiras e mesmo quando temos a tendência de naturalizá-las.

A construção constante dos espaços formativos do sujeito, sobretudo o espaço da escola é previamente pensado, quer se chegar a um determinado ponto. As palavras são carregadas de intencionalidade, por isso mesmo são muitas vezes camufladas com o fim de romantizar ao invés de problematizar determinadas situações, é uma forma de demarcar e assegurar a educação como uma forma de domínio.

Domínio constante e contínuo, que acontece porque somos seres finitos, que buscamos um horizonte maior, de sentido, de razão, de motivação, por isso a educação acontece continuamente e em todo lugar, sempre buscando respostas e constituindo novas perguntas, para Freire (2013, p.14) “A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”, mas todos se educam em conjunto, na soma das suas individualidades, reafirmando assim o sentido da educação pessoal e particular a partir das nossas histórias, aqui simbolizando retalhos que compõem uma colcha maior que é sentido coletivo e social da educação. Ainda em concordância com Paulo Freire (2013, p.15) “não há educação sem amor, o amor implica luta contra o egoísmo” portanto é no amor que se constitui o ato contínuo de educar.

Diante dessa concepção de educação no sentido plural, é importante destacar para além desses elementos referentes aos espaços onde a educação se constrói e constitui, o contexto social em que se vive é um marcador essencial, de acordo com Rio Arrojado (ENTREVISTA, 2022) *nesse território, todos os municípios, a maioria absoluta, inúmeros de pessoas e famílias são de agricultor familiar, temos um potencial muito grande que é a questão de terras mesmo com pequenas propriedades são terras boas, agricultáveis, com água*, o que significa dizer também que a formação dos sujeitos nesse lugar deve contribuir com a sua qualidade de vida no meio.

E que tipo de educação tem se constituído nesse lugar? "Nós temos um grande desafio que é o desafio, esse do conhecimento de tecnologias que é preciso ser aplicado na agricultura familiar" (RIO ARROJADO, ENTREVISTA, 2022). Nesse sentido a Pedagogia da Alternância é uma grande potência pois na dinâmica do campo as atividades são intensas e contínuas, quando se acumula conhecimentos também se amplia a perspectiva de permanência com qualidade neste lugar, conforme afirma Umbuzeiro (ENTREVISTA, 2022) *é uma oportunidade que os agricultores têm de ter os seus filhos estudando e ao mesmo tempo desenvolvendo suas atividades, trabalhando com a família na propriedade*, por isso a Escola Família Agrícola tem uma proposta metodológica pautada na população do Campo e na Agricultura Familiar.

Partindo desse âmbito da educação no meio rural não se pode descolar o processo formativo dos processos de luta pelo território, pois uma vez que se propõe construir frentes que considerem a realidade, o modo de vida e o contexto que o/a estudante e sua família estão inseridos/as já estamos propondo reflexões sobre a Educação, nesse caso ainda com um guarda-chuva maior que é a Educação do Campo e o processo de luta por terra e água presentes e com muita força nessa região.

A organização dessas comunidades se dá principalmente diante da criminalização do campesinato por meio da apropriação, expropriação das terras e dos recursos naturais como um todo por parte do agronegócio. O modo de vida é o que dá maior significado à existência desses povos, que está diretamente relacionado à luta pelo território.

As comunidades tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto, ribeirinhas por exemplo, tem suas identidades camponesas e desenvolvam uma diversidade de atividades, considerando que estamos inseridos em uma área de predominância do bioma Cerrado, o modo de vida desses povos está ancorado na infinidade de possibilidades e riquezas que esse bioma oferece. De acordo com Barbosa (2002):

[...] o Sistema Biogeográficos dos Cerrados fornece fibras, lenhas, folhas ásperas que são utilizadas para acertar superfícies, palhas de palmeiras para cobertura de abrigos etc. mas o importante é ressaltar nesse item que de todos os sistemas biogeográficos da América do Sul, este é o que fornece maior variedade de frutos comestíveis. (BARBOSA 2002, p. 368)

Imaginemos então diante da gigante influência do meio ambiente, na vida das pessoas, onde entra a função do processo formativo dos sujeitos desse lugar, como educar para essa diversidade e visualizar possibilidades de sobrevivência de forma digna, com qualidade. Nesse sentido, o trabalho prestado pela Escola Família Agrícola ao longo desses anos tem um significado grandioso, sobretudo no sentido de ressignificar e qualificar o modo de viver e lidar com a terra e o território.

De acordo com Pequizeiro (ENTREVISTA, 2022), *saber que uma família passou a não mais adotar fogo em sua propriedade, não utilizar venenos (agrotóxicos), não mais utilizar irrigação tradicional por inundação, melhorar a destinação dos resíduos diversos, ter zelo com o meio ambiente*, e isso é resultado do processo educativo contínuo, proposto pela Pedagogia da Alternância, *somente isso seria grandioso, mas ainda criou perspectivas na vida dos escolandos que por ali passaram. Muitas dessas perspectivas foram conseguidas e a vida de muitas famílias passou a ser melhor*, completa Pequizeiro (ENTREVISTA, 2022). Por isso mesmo não se pode separar a discussão sobre terra e território, da educação, ou das educações.

3.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO POPULAR: DUAS ESSÊNCIAS NO MESMO RETALHO

*Nesse emaranhado de sonhos em construção,
de utopias e ousadias os fios vão ganhando
uma nova configuração à medida
que o sentido coletivo da colha é o guarda-chuva maior.
(Jake Honória)*

O conhecimento é uma construção viva, intencional e continuada, por isso mesmo não pode estar separado da realidade que vivem os sujeitos. Nesse sentido, a Educação do Campo é composta por diversidades de povos e de identidades, de acordo com Caldart (2002, p.19) “São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boia-fria, e outros grupos mais” que utilizam das diferenças peculiares também para reafirmar uma identidade comum, de luta e resistência em seus territórios.

Nesse meio está a necessidade de contextualizar a forma de ensino com a realidade dos/as educandos/as. Atentar para a necessidade de cultivar e fortalecer as identidades, trazendo novas possibilidades e novos elementos a partir do que se tem. Educar é ter o cuidado com o todo de uma vida. Não é possível falar da formação dos sujeitos sem trabalhar as raízes pois a conduta do que se trabalha, parte exatamente do que se leva de berço e forma as variadas personalidades.

A luta pela educação deve ser paralela à luta pela permanência nos territórios, razão pela qual o acesso ao conhecimento é objeto de permanente luta. Para Rio Arrojado (ENTREVISTA, 2022) enfatiza isso *quando a gente traga pessoas que tá bem ligada à sua família, à sua realidade, que a gente consegue aqui dentro da sala de aula passar esse conhecimento pra ele, ele de fato fica e abraça a causa né* além de se tornar de fato um agente transformador de sua realidade concreta.

O empoderamento político, o acesso ao saber, a conquista e a garantia dos direitos, são frentes distintas da mesma luta, que se revela desafiadora, porém transformadora. A profunda carência de conhecimento em muitos aspectos e, conseqüentemente, de instrumentais teóricos para a defesa dos direitos, se revela um severo obstáculo ao êxito das lutas do trabalhador, especialmente das comunidades tradicionais. A luta meramente fática, sem um lastro teórico, dificulta a vida dos sujeitos e impede que muitas pessoas ocupem posições estratégicas e fundamentais no interior dos movimentos sociais. Para Rio Corrente (ENTREVISTA, 2019):

E outra coisa é dizer da importância desse meio, a importância desse veículo que a gente tem da escola popular pra a região toda né, hoje não é só Correntina, não é só Jaborandi, quando a gente começou era Correntina e Jaborandi agora a gente tem vários municípios a gente tem os três territórios envolvido na escola, então é aproveitar desse espaço que a gente tem pra nossa formação, pra formação dos agricultores pra formação dos jovens. (RIO CORRENTE, ENTREVISTA, 2019).

Estamos diante de um cenário de recuo dos direitos de trabalhadores, de negação, de expropriação de direitos, perseguição e morte dos povos, dos povos do campo em particular, em Correntina e municípios vizinhos isso se revela cada dia mais escancarado e perverso, de acordo com dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2022) as comunidades de Fundo e Fecho de pasto vem sofrendo fortes ameaças e invasão aos seus territórios, isso se intensificou no período das eleições 2022, causando maior insegurança e medo para o povo dessas comunidades,

O motivo da sucessão de ameaças de morte, disparo de tiros, abertura de trincheiras em estradas, destruição de ranchos e cercas é a disputa de fazendeiros por áreas de vegetação nativa do Cerrado, repleta de veredas com suas nascentes preservadas pelas comunidades de fecho de pasto, que há mais de dois séculos se estabeleceram na região.

Os fecheiros são um povo tradicional que cria gado e sobrevive do extrativismo e da agricultura de subsistência. Embora reconhecidos oficialmente pelo governo estadual, praticamente não são tomadas providências para preservar o modo de vida e a segurança das comunidades (OLIVEIRA; BAUER, 2022).

Frente a esse cenário que segue se agravando pode se pensar na necessidade de trabalhar alternativas que venham a contribuir com a segurança desses povos, nesse sentido, conhecer e valorizar os territórios, os povos e seus modos de vida, são passos primordiais nesse movimento, assim, o processo formativo das crianças e jovens pode ser uma potente ferramenta para trabalhar essas questões, mas de forma geral o acesso ao conhecimento deve ser parte dessa luta, por ser um instrumento consistente de enfrentamento e resistência, destaca-se portanto a experiência educativa da Escola Família Agrícola reafirma a importância de se organizar o processo educativo, que seja produzido coletivamente pelos sujeitos construtores de sua história.

Um processo educativo baseado na perspectiva da transformação social emancipatória, e no reconhecimento e valorização da realidade desses sujeitos. A construção de uma educação emancipatória, perpassa a compreensão das propostas pedagógicas abertas à dinâmica de vida da escola, de professores/as, estudantes e comunidades envolvidas, bem como o contexto em que estes/as estão inseridos/as. Quando essas propostas se fecham ao modelo do sistema, em um paradigma de sociedade capitalista e conseqüentemente classificatória e excludente, ameaçam a diversidade, sobrevivência e modos de vida dos povos do campo. De acordo com Vargas, Fontoura e Wizniewsky (2013):

O sistema capitalista embasado na economia de mercado transformou a sociedade sob vários aspectos, como por exemplo, aqueles relacionados à cultura, às relações com o meio ambiente, às relações sociais e ao próprio conceito do que é realmente necessário para a vida humana no planeta. Essas questões ficam bastante claras quando começamos a observar os novos hábitos da vida social e as consequências dos mesmos sobre a questão ambiental e social. (VARGAS, FONTOURA E WIZNIEWSKY, 2013, p.174)

Os sujeitos do campo vivem em um espaço de disputa cultural, territorial e de conhecimento, o projeto pedagógico das escolas formais presentes nesses espaços, não pode estar desassociado de sua realidade, cultura e modos de vida. Portanto a indispensabilidade do aprofundamento nos estudos a respeito da questão agrária, da preservação cultural, da forma de organização do trabalho, garantindo assim a democratização do conhecimento.

Para enfatizar a potência que somos enquanto povo do campo, que utiliza da educação como prática da comunidade, que por meio da Educação Popular e comunitária, busca desvelar a alienação, que busca ver o povo como gente, enfatizar as identidades, utilizando de metodologias que nascem da realidade dos/as sujeitos/as, enfatizando suas trajetórias com coragem e intuito de reconhecimento e valorização da cultura, “porque não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar” (GADOTTI, 2012, p.15), e precisa ser de forma organizada toda prática educativa.

Rio Corrente (ENTREVISTA, 2019) enfatiza acreditar *que a gente precisa aproveitar mais os espaços que a gente tem, a EFA é um espaço de formação de educação popular a que a gente precisa aproveitar mais, então a gente tem tantos jovens, tantas pessoas têm tantos agricultores que estão aí, sem fazer formação, então acho que a gente precisa aproveitar mais*, e assim também “as classes populares têm que se educar enquanto lutam para sobreviver”(GADOTTI, 2012, p.15), e assim na prática educativa é também a luta contínua constituída na educação popular e comunitária.

Ainda para Gadotti (2012), a Educação Popular tem suas pautas que dialogam muito com a concepção de Educação que se trabalha na Escola Família Agrícola:

[...] Sem perder seus princípios, a educação popular vem se reinventando hoje, incorporando as conquistas das novas tecnologias, retomando velhos temas e incorporando outros: o tema das migrações, da diversidade, o lúdico, a sustentabilidade, a interdisciplinaridade, a intertransculturalidade, a questão de gênero, idade, etnia, sexualidade, desenvolvimento local, emprego e renda... mantendo-se sempre fiel à leitura do mundo das novas conjunturas. (GADOTTI, 2012, p. 20).

Quando se fala em faces das educações e se levantam suas pautas comuns é possível visualizar que Educação do Campo, Educação Popular, Pedagogia da Alternância e Pedagogia do Oprimido, embora com conceitos e perspectivas canalizadas em alguns momentos de

forma diferentes, podem ser entre elas, uma soma sequente de reflexões necessárias na emancipação da luta camponesa por permanência no território e por educação.

3.3 PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA EM EFAS: REFORÇANDO OS FIOS DE RETALHOS COMUNS

*Por que construir uma colcha não é uma tarefa fácil?
O sentido coletivo da colcha a torna complexa,
a diversidade, o colorido o design,
tudo conta,
mas tudo isso perde um pouco
do significado se
os fios que interliga o conjunto
não forem de qualidade,
por isso os fios são essenciais
no tecer da colcha.
(Jake Honória)*

A educação vai se configurando como um campo amplo, diverso com muitas riquezas e desafios, pensar e trabalhar esse campo, faz-se necessário o exercício de considerar as suas particularidades, por isso mesmo a colcha da educação que aqui está sendo construída se apresenta em categorias variadas, porém, contínuas e interligadas entre si.

A pedagogia da Alternância, a qual se pode atribuir sentidos diversos, é para mim uma grande mensageira, com todo pertencimento que aqui discorro, por vivenciar na prática a grandeza desta, ousar dizer que é uma pedagogia de vida, pensando deste lugar de onde a presença germinar em todas as manhãs, continuamente, a esperança se faz viva e presente no ambiente escolar por meio da metodologia que se constrói no chão da escola.

Gestada em solos Europeus, mais precisamente na França e Itália a Pedagogia da Alternância chega como um sopro de vida, na dinâmica de camponeses/as, desesperançados/as pelo cenário daquele momento e conseqüentemente com o amargo do modelo educacional que lhes descia goela abaixo. Surgindo a possibilidade de se trabalhar numa perspectiva que considerasse a realidade desse lugar e desses sujeitos, garantindo inclusive que a/a estudante tivesse a condição de dar o retorno para a família a partir de suas ações contínuas na propriedade/ comunidade, parecia de fato um grande sonho. O período histórico foi a década de 1930:

A França vivia nesta época, ou seja, nos anos 30, período entre as duas grandes guerras, uma situação bastante difícil, na qual o desafio básico era a reconstrução social e econômica da sociedade. Com uma realidade agrária marcada pela permanência de grande número de pequenas propriedades, tendo por base a produção familiar, os agricultores viviam naquele contexto uma situação de total abandono: de um lado, um Estado desinteressado pelos problemas do homem do campo e da sua educação, voltado apenas para o ensino urbano; e, de outro, uma Igreja que, apesar de preocupada com a situação dos camponeses, não tinha

nenhuma proposta quanto à educação no meio rural. Assim, os filhos daqueles agricultores tinham que optar por continuar os estudos e sair do meio rural para o meio urbano, distanciando-se assim da família, ou permanecer junto à família na atividade agrícola, interrompendo o processo escolar. As famílias, todavia, necessitavam da presença e do trabalho dos seus filhos e tinham também dificuldade em mantê-los nas cidades. É esta realidade que estava posta aos pais agricultores, aos sindicatos, às cooperativas e à Igreja. (SILVA, 2012, p. 35).

Diante deste cenário, com audácia e esperança, a ousadia de sonhar e vontade de transformar a realidade por meio do processo formativo foi o que levou o Padre Granereau a provocar as famílias agricultoras a experimentar uma nova forma de estudar, já que aquelas que tinham disponíveis não estava dando conta de atender as especificidades desse público, para delinear essa proposta, vejamos o diálogo entre o Padre e um agricultor:

- Vocês têm a escola livre de Marmande.
- É escola da cidade, dá os mesmos resultados!
- Vocês têm uma escola de agricultura em Fazanis, a 30 quilômetros de sua casa.
- Sim, mas temos que nos separar de nossos filhos durante os dois ou três anos que duram as aulas. Ora, mesmo nessa idade, precisamos deles. E custa caro. Embora pudéssemos, a rigor, fazer alguns sacrifícios, se estivéssemos certo do sucesso.
- Mas, veja, quantos camponeses de verdade você já viu sair de uma escola de agricultura?
- Vocês têm os cursos por correspondência?
- É verdade, um excelente paliativo, entretanto, está longe de resolver o problema.
- Mas então? Se eu o fizesse trabalhar junto comigo?
- Sozinho, ele ficará entediado, o remédio será pior que o mal.
- E se eu encontrasse outros meninos?
- Encontre outros, meu filho será o primeiro (GRANEREAU, 2020, p.64).

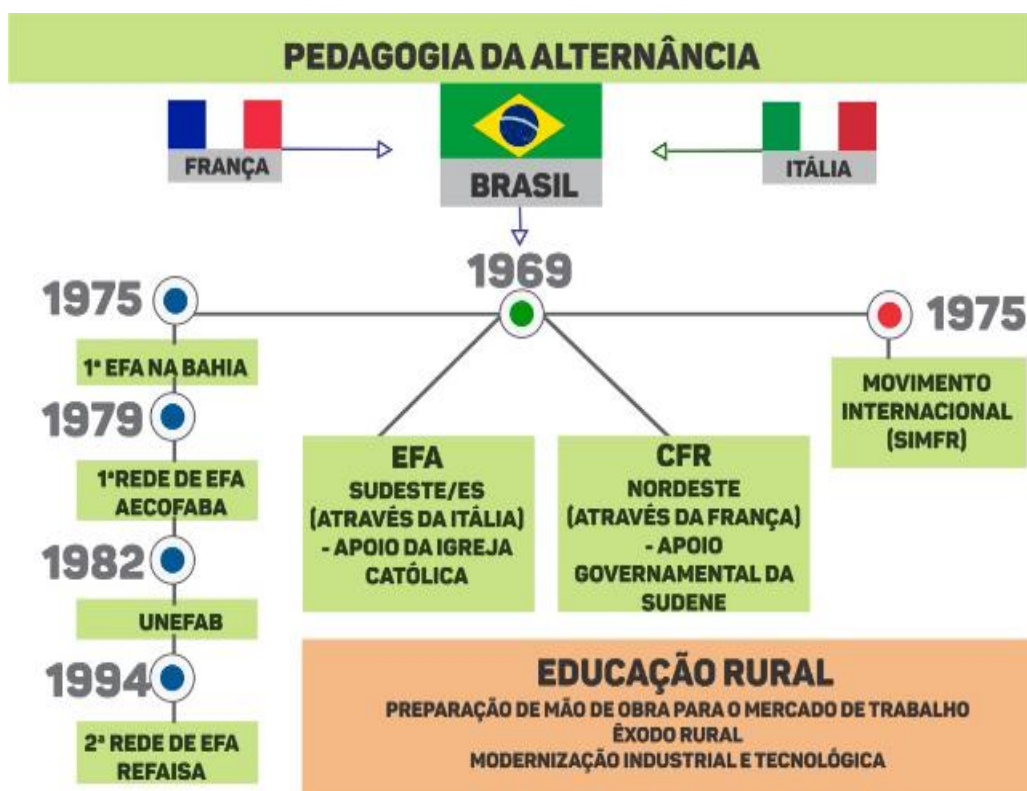
Considerando que o inverno na França costuma ser rigoroso uma boa parte do ano as pessoas ficavam sem a condição de trabalhar devido a intensidade do frio que as acompanhava por esse tempo, a Pedagogia da Alternância nasce como possibilidade também de aproveitamento desse tempo ocioso, *a proposta surge para possibilitar que a juventude estudasse nesse período que era muito frio, o aconchego de estar junto significava também a possibilidade de estudar* (RIO ARROJADO, ENTREVISTA, 2022), a relação afetuosa muito presente nas EFAs, significa também fazer educação com amor, a ideia inicial chamava o ambiente de Casas, a presença da juventude nesse espaço tinha o objetivo para além de construir o conhecimento, aquecer a casa com o afeto e vitalidade.

No Brasil, a Pedagogia da Alternância chega na década de 1960, no Estado do Espírito Santo, por meio do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES, se espalhando posteriormente por diversos outros estados brasileiros,

Na América Latina, a primeira experiência das MFR's ocorreu no Brasil, em 1968, sob a influência direta a Maison Familiale Italiana de Castelfranco -Vêneto. Um ano após a criação da primeira experiência de formação em alternância no Brasil, foram criados as MFR's na Argentina. Em seguida as trocas e os intercâmbios de outros

países latino-americanos com a França e as missões, organizadas em colaboração com o Ministério dos Affaires Etrangeiros, permitiram a implantação ocorreu em 1973, na Nicarágua, seguida pela maioria dos outros países da América-Central. (SILVA, 2012, p. 48).

No Estado da Bahia, situado na região Nordeste do Brasil, a experiências das Escolas Famílias Agrícolas chega em 1975, em Brotas de Macaúbas. O quadro abaixo ilustra o percurso da Pedagogia da Alternância pelo Brasil chegando até a Bahia, onde se encontra a EFAPA.



Fonte: Costa, 2018, p. 46

De acordo com dados da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido - REFAISA, no ano de 2022, considerando as Famílias Agrícolas e as Casas Familiares Rurais, que também trabalham a modalidade da Pedagogia da Alternância, temos um total de 4.310 estudantes matriculados/as e frequentando essas escolas, sendo oriundos de 33 municípios do Estado da Bahia que integram à REFAISA (ARQUIVOS RAFAISA, 2022). Deste total, 1017 frequentam escolas de ensino fundamental II e 3.228 estão em Escolas de Ensino Médio, essas escolas estão distribuídas em 17 Territórios de identidade. No quadro 3 pode-se observar a distribuição dessas informações.

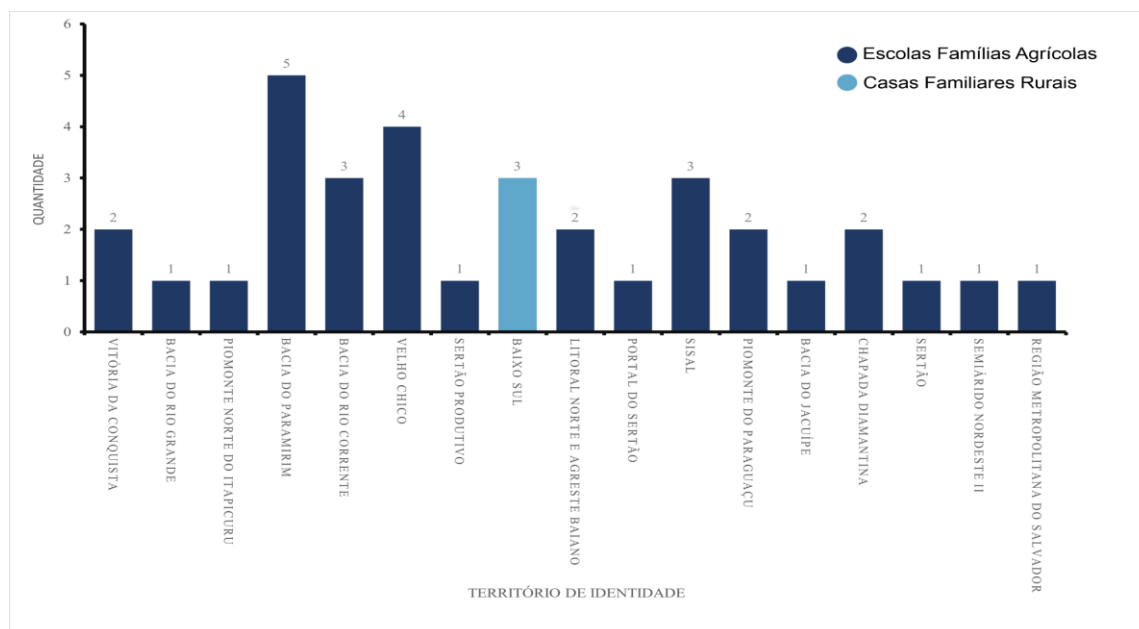
Quadro 3 - Distribuição das EFAs e CFRs no Estado da Bahia

Municípios (EFAs e CRFs)	Ensino Fundamental II (escolas)	Ensino Médio (escolas)	Territórios de identidade	CFRs	EFAs	Total de estudantes
33	15	31	17	03	31	4.310

Fonte: Elaboração de Jakeline Honória de Souza (2022).

É importante destacar que algumas escolas trabalham com o Ensino Fundamental II e com Ensino Médio, no município de Riacho de Santana, temos duas EFAs, as Casas Familiares Rurais, são 03, todas elas estão localizadas no território de Identidade Baixo Sul da Bahia, onde, de acordo com esse registro, não tem EFA. As EFAs estão distribuídas em 14 Territórios de identidade, vejamos o gráfico abaixo onde especifica essa distribuição.

Gráfico 1 – Distribuição das EFAs e CFRs nos Territórios



Fonte: Elaboração de Jakeline Honória de Souza (2022).

Como é possível perceber o histórico da Pedagogia da Alternância vem sendo tecido a longos anos, a ideia ganhou forma, expandiu e vem se multiplicando continuamente, o sonho sonhado acordado, a semente lançada em solo fértil e regada com compromisso, dedicação e esperança, germinou com muito vigor.

Em Correntina a Pedagogia da Alternância chega por meio da Escola família Agrícola de Correntina e é lançada como semente nos idos dos anos 1990, se concretizando quanto projeto educacional emancipador na região Oeste da Bahia, uma proposta ousada e desafiadora que mobilizou rapidamente, os bases das comunidades camponeses dessa região. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da própria instituição:

Com o apoio e empenho bastante significativo da ação pastoral da igreja, e principalmente da pessoa do saudoso Monsenhor André Frans Béréno, pároco local da época e principal idealizador e parceiro-articulador para implantação da EFA, várias ações foram feitas com esse objetivo – reuniões, viagens, encontros, estudos e reflexões com os pequenos agricultores (as), lideranças de comunidades, entidades de classe, representantes de ONGs, pastorais, órgão de assistência rural; contatos, estágios e formação com EFA's que já estavam em funcionamento até que fosse consolidado informalmente o início das atividades educativas da Escola Família Agrícola no Centro de Treinamento de Líderes - CTL, ocorrido em 14 de março de 1994, já com a denominação de Escola Família Agrícola de Correntina – EFACOR, na presença de mais de vinte (20) comunidades rurais dos três municípios Correntina, Santa Maria e Jaborandi, com a sua primeira turma de estudantes, filhos (as) de pequenos agricultores(as), os quais juntamente com outros agricultores voluntários e representante da igreja passaram a gerenciar essa iniciativa através de um conselho e uma coordenação provisória, apoiados por um projeto PONTE-EFACOR, com recursos liberados pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais - CERIS, responsável pelo pagamento de pessoal e outras rubricas nos anos de 1994 e 1995, período de realização do curso para a primeira turma, em parceria com a Paróquia que cedeu o espaço físico e transporte para as visitas às famílias, além de assumir a responsabilidade jurídica (PPP, 2019, p. 4 - 5).

No município de Correntina a EFA também se instala em um contexto desafiador, tendo como proposta educativa um projeto voltado para a agricultura familiar, o enfrentamento com o modo de produção do agronegócio fortemente instalado na região, seria inevitável, uma vez que esta surgia também como alternativa para contrapor esse modelo de agricultura que já avançava na região há algum tempo, situação fortemente expressada por Rio Corrente:

Acho que a EFA deu uma contribuição muito rica, quando a gente começou a gente tinha uma cultura diferente de lidar com a agricultura e a escola veio justamente para contrapor a esse modelo que tinha aqui na região, e foi um momento de muito avanço do agronegócio, então a EFA veio pra dizer que é possível fazer um trabalho diferente que é possível trabalhar a terra de forma diferente é possível proteger mais o ambiente proteger mais a natureza de produzir uma alimentação saudável. (RIO CORRENTE, ENTREVISTA, 2019).

Foi assim, dando os primeiros passos em um espaço cedido pela paróquia Nossa Senhora da Glória, a primeira turma, chamada também de turma experimental teve uma formação de dois e ainda de na informalidade, uma vez que nesse período ainda não havia o reconhecimento dos órgãos competentes para o funcionamento desta, *era uma realidade de*

um sistema educacional bem mais precário, tinha poucas escolas do ensino fundamental II, tinha o fundamental I mas a maioria das escolas eram escolas multisseriadas onde as funcionava de primeira à quarta série (UMBUZEIRO, ENTREVISTA, 2022.), trazer esses/as estudantes desse contexto para uma nova proposta de educação de fato não era uma tarefa fácil, como nos alerta o depoimento:

nós tínhamos muitos adolescentes, muitos jovens que não tinham ainda concluído o ensino fundamental I, alguns povoados, muito pouco mesmo, funcionava o ensino fundamental II, tanto é que os nossos dois primeiros anos funcionou de forma que nós tínhamos alunos que tinha apenas 2ª série, 3ª série e 4ª série, e que veio para um período experimental (UMBUZEIRO, ENTREVISTA, 2022).

Olhar para um contexto de estudantes com percurso formativo incompleto para o que seria o necessário pra escola funcionar, considerar o cenário altamente explorado pelo agronegócio, utilizar um espaço onde as terras estavam altamente compactadas e com poucas possibilidades de se tornarem produtivas, fazer todo o trabalho de convencimento às famílias para enviar seus/suas filhos/as para um espaço experimental dentre outros desafios, e ainda assim, lançar com precisão a sementinha nas comunidades, demonstra o quão grande foi a ousadia de Padre André e sua equipe, *Padre André é um mentor, construtor. eu acho que se ele tivesse vivo ele estaria dando muita contribuição financeira, mas também no sentido de voltar às suas origens*, afirma Rio Arrojado (ENTREVISTA, 2022), vindo a falecer no ano de 2006, Padre André deixou muitas obras em Correntina, ele sempre teve um apreço grande pela educação e por contribuir com os mais pobres, em relação a EFA ele sonhava em contribuir com a autonomia do povo agricultor, essa sempre foi a grande defesa dele, de acordo com Rio Arrojado *o grande sonho dele era que os agricultores atingidos pelo processo de escola formasse uma grande cooperativa de comércio da agricultura familiar que pudesse vender seus produtos e agregar recursos para viver melhor* (ENTREVISTA, 2022), e assim ao longo de 28 anos a Escola Família Agrícola vem aperfeiçoando o seu modo de fazer educação sempre bebendo da fonte e do princípio original da Pedagogia da Alternância.

Tendo como proposta de vivência contínua a Pedagogia da Alternância acontece em dois tempos formativos, esses tempos variam de escola para escola, algumas utilizam o período de uma semana na escola e duas com a família, outras duas semanas na escola e duas com a família podendo haver outras variações, para Piatti (2014) A Pedagogia da Alternância acontece em dois tempos e em dois espaços: o tempo-escola (momento de educação formal na escola) e o tempo-comunidade (momento de educação na comunidade, na vida diária) “É uma formação humanista, conta com diferentes instrumentos que garantem a sua função, a

articulação de tempos e espaços educativos, o estabelecimento de relações entre os envolvidos no processo educativo e a relação com o trabalho” (PIATTI, 2014, p. 51) assim se constitui a formação integral continuada.

Esses dois tempos formativos intercalam ao longo da formação do/a jovem, para melhor conduzir esses tempos, existem quatro pilares que orientam a Pedagogia das EFAs, pilar é aquilo que dá sustentação para algo, nesse caso não é diferente, os pilares que articulam os tempos formativos dos/as estudantes ao longo do curso tem o objetivo de contribuir com um processo mais organizado, pautado na realidade conforme se pode observar no quadro abaixo:



FIGURA 03 – CONEXÕES DOS PILARES DAS EFAS DA REFAISA NA BAHIA E SERGIPE

Fonte: COSTA, (2018).

Ao longo do tempo esses pilares vêm sendo refletidos e ressignificados, de forma que na REFAISA, os pilares passam de 04 para 06, sendo “agroecologia e Educação Contextualizada e ambiental” os mais novos pilares da rede, acrescentados para atender de forma mais abrangente as diversidade presente na existência humana e seus modos de vida, considerando também a intimidade na relação do povo camponês com o meio ambiente e seus territórios.

Na Escola Família Agrícola Padre André – EFAPA, todos esses pilares são essenciais para o funcionamento da instituição, uma vez que são embasados em princípios que condizem com os parâmetros educativos defendidos e orientados pela escola, pilares que sustentam e contribuem com a articulação dos saberes e funcionalidade da metodologia trabalhada pela escola junto às famílias que a acessam, considerando sobretudo as comunidades camponesas, para quem essa modalidade é mais direcionada.

Utilizar do meio em que os sujeitos estão inseridos, como espaço social, didático e pedagógico é algo extraordinário, e é isso que a EFA faz, os sujeitos são transformadores constantes do meio, quando é possível fazer isso com embasamento fica evidente que a qualidade de vida é transformada também, *“quando você dá conhecimento para o agricultor ele transforma com qualidade a sua condição de vida”* (RIO ARROJADO, ENTREVISTA, 2022). E isso está comprovado nas propriedades ribeirinhas e não ribeirinhas onde as alternativas foram surgindo e sendo utilizadas como forma de agregar qualidade à vida no campo.

Embora a Pedagogia da Alternância se apresente com tamanha consistência e também boniteza, o olhar do poder público sobre ela não é o melhor, por isso as EFAs são desassistidas e carentes de recursos que possibilitem prestar um serviço com maior qualidade, conforme afirma Pequizeiro: *Entretanto, mesmo depois de tanto tempo, para o Estado da Bahia, as EFAS ainda são consideradas experiências pedagógicas, o que destoa completamente da realidade brasileira e mundial* (ENTREVISTA, 2022). Para manter uma escola com uma proposta pedagógica ousada como a EFA, seria necessário muito recurso financeiro, para possibilitar a realização das inúmeras atividades que a escola propõe, e realiza, mas poderia fazer melhor, poderia alcançar mais jovens, Umbuzeiro (2022) enfatiza que isso como um grande desafio:

Um desafio que ainda queria trazer é para manter a escola, a escola trabalha no sistema integral, com um número grande de componentes curriculares e que nós precisamos ter para garantir uma formação mais positiva, um número maior de profissionais, e devido o sistema, devido o Estado ainda não dá condições e recursos para que a associação da escola contrate então isso acaba estando muito para o funcionamento da escola, a gente precisaria de um número maior de profissionais, então um desafio grande que eu vejo é esse, enquanto a gente não tiver um número bom de profissionais com formação adequada da P.A, para a área técnica e outras áreas, a gente vai continuar tendo muitos desafios (UMBUZEIRO, ENTREVISTA, 2022).

Ou seja, as EFAs já prestam um serviço sensacional junto aos povos do campo, mas poderia fazer mais se recebesse mais apoio e incentivo, *a gente vive também momentos muito difíceis né, foi muito bom, é muito bom está na escola, viver a escola, mas aí a gente tem também os desafios da sobrevivência da escola a falta de investimento tudo isso interfere na vida da escola* (RIO CORRENTE, ENTREVISTA, 2022), escola que mesmo com todo limite e dificuldades caminha para os seus 29 anos, são quase 3 décadas construindo educação para e com o povo camponês, a manutenção desse projeto se dá pela participação e contribuição direta das famílias e comunidades, como também por meio de convênio com a prefeitura e

com o Estado, essa parceria é fundamental para o andamento do projeto, mas conforme dito anteriormente, diante da grandeza do projeto, é uma parcela muito pequena.

Toda a ausência do poder público, pode se dar ao fato de que não há muito interesse em investir em uma escola com essa modalidade, afinal quando que alguma esfera se interessou em injetar recursos para projetos verdadeiramente voltados para o povo, quando e para quem a educação é prioridade? E Educação do Campo, a quem interessa? Os processos de luta por terra e água, historicamente foram travados por quem, senão pelo próprio povo? Tudo isso evidencia a necessidade de que o povo camponês esteja preparado para seguir ocupando os espaços e defendendo suas pautas, ninguém o fará por nós. Assim, tanto as EFA,s, quanto a Educação do Campo, não surgiram por acaso, é fruto da luta e resistência do povo camponês que não se cansa de continuar a luta, não somente pela educação, mas pelos direitos de sobrevivência e pela dignidade humana que ao longo do tempo foram negados, e os poucos conquistados custaram sangue de muitos líderes.

Portanto, discutir a Educação do Campo no campo não é símbolo de uma conquista pelo direito a Educação, mas também pela qualidade da educação pública e pela equidade dos estudantes, não basta escolas no campo, é necessário condições de infraestrutura, logística e formação continuada para os profissionais da educação. Este trabalho, as EFAs vêm desenvolvendo ao longo da sua existência, por isso a grande importância da Escola Família Agrícola Padre André em Correntina-Bahia, que ao longo dos anos vem transformando vidas dos agricultores familiares de Correntina e região.

CONSIDERAÇÕES

Diante do objetivo deste trabalho, já mencionado anteriormente, foi possível ao longo desse estudo adentrar mais profundamente esse campo e perceber que há mais inquietações do que respostas prontas nesse lugar, há mais desafios de seguir construindo alternativas do que recursos para as possibilitar e mais vontade de seguir rompendo as dificuldades do que coragem para largar tudo e desistir.

A Pedagogia da Alternância é a chave mestra das Escolas Famílias Agrícolas, há mais de 50 anos as EFAs fazem educação, pensando e construindo junto aos povos as suas perspectivas formativas, e a bandeira de luta do povo é o estandarte maior, é a colcha comum, de quem acredita nesse projeto de educação, de quem segue, buscando formas de resistir e dar visibilidade a educação popular e contextualizada. Quando se pensa o campo da Pedagogia da Alternância e da Educação do Campo, devemos pensar na sua totalidade, no conjunto de identidades e modos de vida pertencentes ao povo desse meio e não somente um campo geográfico.

É importante sempre reafirmar a educação como trincheira para a qualidade de vida, assim a Escola Família Agrícola busca partilhar essa responsabilidade com os agentes que exercem continuamente o processo de formação de identidades, que são estudantes, famílias e comunidades, por meio da intervenção qualitativa da escola se possibilita refletir sobre a influência em que o território, o meio exerce sobre cada um/a, assim se constitui uma educação que ultrapassa os limites conteudistas e permite a reflexão e a ação embasadas numa realidade concreta.

Pesquisar sobre a EFAPA, é um movimento encantador e ao mesmo tempo perpassa por um desafio grandioso, pois o sentimento de pertencimento a esse projeto muitas vezes foi o grito mais alto, por isso a escrita pode está carregada de fios de emoção, é difícil olhar de fora quando se está dentro do processo, mas esse exercício, mesmo que não na totalidade, me permitiu perceber horizontes que ainda eram invisibilizados no cotidiano e possibilitou reafirmar a grande relevância desse projeto de educação e o quanto as pessoas que o compõem desde o lançar da semente, tem uma paixão grande por ele, é essa paixão, esse encanto que se transforma em fazer da educação um ato de amor e afeto, por isso, talvez ele siga vivo, apesar das dificuldades.

Não é possível falar da Escola Família Agrícola Padre André sem falar do contexto em que ela está inserida, por isso mesmo o tema sugestivo desse trabalho que visa ao longo texto tecer uma colcha de retalhos traz a sua abordagem voltada para pensar que *Entre fios, retalhos*

e uma colcha: As Costuras da Escola Família Agrícola Padre André em Correntina-Bahia, é um chamado a revisitar, olhar de fora, e olhar novamente para não correr o risco da ligeireza ou dos olhos do encantamento pela sensação de já conhece-la, o revisitar e o tecer dos fios, permeia pela busca aguçada pelos detalhes a partir da escuta, da leitura, da observação e também da vivência, tecido conjunto, identitário desse lugar, todo o processo histórico do município de Correntina conversa com os processos de lutas dos povos por terra e território, por água, comida e educação, por isso mesmo tudo se interliga a problematização é conjunta, assim como os desafios, e a costura da colcha também.

Esse estudo evidencia algumas questões importantes para registrar aqui:

- 1- A primeira coisa que gostaria de destacar é que a Pedagogia da Alternância é uma potência, uma alternativa de educação emancipadora, fantástica, isso é muito vivo nas falas das pessoas entrevistadas, das literaturas pesquisadas e nas experiências vivenciadas.
- 2- As dificuldades das escolas do campo estão atreladas principalmente à desassistência dos órgãos competentes.
- 3- O trabalho de base pode ser um grande aliado no processo de formação dos sujeitos ingressos na EFAPA.
- 4- Crucial refletir sobre estratégias de autogestão financeira e administrativa como alternativa de existência das EFAs.
- 5- O agronegócio é um grande vilão para o povo camponês e para o modo de fazer educação na EFAPA.
- 6- A disputa por terra e água nesse território estão atreladas também à disputa por conhecimento, portanto são faces da mesma luta.

Diante do percurso metodológico das entrevistas e da análise de dados é possível perceber muitos elementos carregados de encantamento e de muita angústia, principalmente pelo desejo de sempre querer fazer um pouco mais. A pesquisa permitiu uma riqueza de informações que poderá servir como ferramenta de estudo e pesquisa para a própria escola como também para outros públicos interessados.

Todo o percurso de reunir os retalhos, os fios e com uma final agulha costurar essa colcha conjunta, permitiu vivenciar diversos sentimentos, desde os mais angustiantes, tomadas pelo cansaço (oriundos também da realidade de estudante e trabalhadora), dor nas costas, e as vezes que os deslizes da agulha deixava um furo nos dedos como quem pedia uma

trégua, me fizeram querer desistir várias vezes, mas como pensar em desistir, se uma das principais razões para o cansaço era o fato de estar ali, no espaço da EFAPA, desafiando continuamente a caminhar junto com os sujeitos que estavam ali postando, acreditando naquele projeto? Parece contraditório isso, mas era real e contraditório também. Depois de um certo tempo veio a gestação, nesse momento fui chamada a tomar decisões mais precisas, pois a caminhada agora seria também pelo meu filho, e foi aí que decidi, com outros incentivos diversos, que deveria terminar esse trabalho, depois dessa decisão, foi dedicar para chegar aqui.

É importante deixar aqui registrado que todo o processo de escrita e de pesquisa, não é fácil, a pressão chega na condição de estudante, especialmente no sentido de ser funcional e “dar conta do recado”, é um processo que influencia negativamente, pois isso trava o percurso produtivo. A síndrome da página em branco, o iniciar e a necessidade de terminar, assusta, e muitas vezes nos adoece. É preciso falar sobre isso porque, precisamos romper com essa lógica. No meu caso o acolhimento e a contribuição direta de alguns colegas e de pessoas do convívio foram decisivos para o não desistir, porque sim, teve momentos em que alimentei a certeza de não conseguir. Romper com essa lógica e sentir-se capaz é libertador e ajuda a perceber que é possível dar passos importantes em nossas etapas formativas.

Esse trabalho é coletivo, assim como a colcha simbólica, ele representa e representa muito mais do que a minha força de vontade em concluir, mas principalmente como uma ferramenta de luta. O trabalho representa e reafirma que precisamos ocupar com qualidade o latifúndio do conhecimento e encorajar os/as nossos/as a seguirem firmes nesse propósito também.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Resolução CEE Nº 310/2022. Diário Oficial da Bahia, Salvador, ano CVII-Nº23.571).
- BARBOSA, Altair Sales. **Andarilhos da Claridade: Os primeiros habitantes do Cerrado.** - Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Presses Universitaires de France. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Capa de Edições 70. Todos os direitos reservados para língua portuguesa por Edições 70, Ltda. 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** (Coleção primeiros passos; 20). 1ª ed.- São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Decreto n. 20.910, de 06 de janeiro de 1932. Regula prescrição quinquenal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro.
- CALDART, Roseli Salete. **Elementos Para Construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo.** Seminário Estadual da Educação do Campo. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: Elementos para construção do projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo.** In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo. (Orgs.). **Por uma Educação do Campo: Contribuições para a construção de um projeto de Educação.** Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção.** In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas.** Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.
- CORRENTINA. **Projeto Pedagógico.** Escola Família Agrícola Padre André – EFAPA, 2019.
- COSTA, Tiago Pereira da. **Educação profissional contextualizada e pedagogia da alternância: contribuição da Refaisa na formação de jovens do campo.** 218f.2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), Juazeiro, 2018.
- COSTA, Tiago Pereira da. FREITAS, Helder Ribeiro. MARINHO, Cristiane Moraes. **Diretrizes Políticas e Pedagógicas da Educação Profissional Contextualizada em Alternância da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido – REFAISA / Tiago Pereira da Costa.** Juazeiro, 2018.
- FOERSTE, Irineu. (et al). **Pedagogia da Alternância: 50 anos em terras brasileiras.** Curitiba/PR: Appris editora. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 75 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. 2012. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/...> Acesso em: 08 ago. 2022.

GRANEREAU, Abbé. **O Livro de Lauzun**: onde começou a pedagogia da alternância. organização de Elenilce Gomes de Oliveira, Enéas de Araújo Arrais Neto; revisão técnica de Paulo Nosella, João Batista Begnami, Thierry De Burghgrave; tradução de Antonio João Mânfió, José Eustáquio Romão, Ático Fassini, Thierry De Burghgrave. – Fortaleza: Edições UFC, 2020.

IBGE. **Cidades e Estados**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/correntina.html>. Acesso em: 02 dez. 2022.

MANZINI, Eduardo J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 25/27, 1990/1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 20ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2012.

NOSELLA, Paolo. **Educação no Campo**: Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

OLIVEIRA, Paulo; BAUER, Thomas. **Pistoleiros aterrorizam fecheiros de Correntina (BA)** 2022. Comissão Pastoral da Terra. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/6223-pistoleiros-aterroizam-fecheiros-de-correntina-ba>. Acesso em: 17 jan. 2023.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: EPSJV, Expressão Popular, 2012.

PIATTI, Célia Beatris. **Pedagogia da alternância: espaços e tempos educativos na apropriação da cultura**. In: Boletim GEPEP – v.03, n. 05, p. 48-64, dez. 2014.

SENA, Lara Mícia Almeida Mascarenhas. **A profissionalização de jovens rurais na pedagogia da alternância das escolas famílias agrícolas**. Universidade do Estado da Bahia, 2017.

SILVA, L. H. da. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?** Curitiba, PR: CRV, 2012.

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE: Bacia do Rio Corrente. Bacia do Rio Corrente. Disponível em: <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/territorio/bacia-do-rio-corrente/>. Acesso em: 02 dez. 2022.

ZUCCHETTI, D.T.; MOURA, E. Educação além da Escola: Acolhida a outros saberes. Cadernos Pagu, Campinas/SP, nº 40, p. 629-648, 2010.

APÊNDICE**A) ROTEIRO DA ENTREVISTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS
AGRÁRIAS

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: ENTRE FIOS, RETALHOS E UMA COLCHA: AS COSTURAS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PADRE ANDRÉ EM CORRENTINA- BAHIA

Pesquisador/a responsável:

Jakeline Honória de Souza

Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira (Orientador).

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA:**NOME:****DADOS DE CARACTERIZAÇÃO**

1) **SEXO:** masculino () feminino ()

2) **ANO DE NASCIMENTO:** _____

3) VOCÊ SE CONSIDERA (autodeclara):

Amarela/o

Branco/a

Indígena

Negro/a

pardo/a

Outros/as Se a resposta for “outros/as” definir a cor: _____

4) **VOCÊ RESIDE?** Zona rural () zona urbana ()

Cidade: _____

Bairro/ comunidade: _____

5) **QUAL A SUA FORMAÇÃO / NÍVEL DE ESCOLARIDADE (FAVOR DETALHAR INFORMAÇÃO)** _____

QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Atestamos que as informações/dados produzidos na presente entrevista serão utilizados para fins acadêmicos/científicos e a identidade dos sujeitos da pesquisa não será divulgada.
- **Permissão para gravar/ Solicitar que desliguem e/ou silencie o celular.**
- Apresentação dos pesquisadores e objetivo da entrevista: A metodologia consiste em uma abordagem qualitativa utilizando entrevista semiestruturada que consiste em um diálogo direcionado e flexível, tendo como objetivo fazer levantamento de dados sobre o processo histórico da EFAPA.
- Desde já agradecemos.

QUESTÕES

1. Fale um pouco sobre você? Se apresente: detalhes familiares, vinculados a sua vida cotidiana. Coisas que fazem sentido para você?
2. Você integra algum espaço camponês ou tem relação com algum movimento social, associações, cooperativas, sindicatos? Favor comente.
3. Comente um pouco sobre sua profissão? Qual a sua formação/especialização?
4. Como poderíamos definir sua relação com a Escola Família Agrícola? Por favor comente um pouco do processo que aproximou você dessa experiência.
5. Quanto tempo esteve ou está nessa instituição? Qual função desenvolve/u? Favor comente.
6. Comente sobre o que acha da Pedagogia da Alternância desenvolvida pela EFAPA? Qual a importância da P.A. para a juventude? Quais os limites/desafios que pode destacar?
7. Como você percebe o contexto em que a escola está inserida considerando inclusive o município e a região? Se possível apontar desafios/ limites.
8. O que mudou na sua vida pessoal e profissional a partir do contato e das práticas educativas na EFAPA?
9. Comente sobre a perspectiva histórica da EFAPA e como implica na vida dos/as estudantes?
10. Quais potencialidades você destaca na prática educativa da EFAPA, desde o seu início?

11. Quais os limites/desafios você destaca na prática educativa da EFAPA, desde o seu início?
12. Gostaria de comentar algo que não estava em destaque em nossa conversa?

AGRADECEMOS PELAS CONTRIBUIÇÕES.

B- TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como objetivo fazer um levantamento histórico acerca da Escola Família Agrícola Padre André no município de Correntina Bahia. Este TCLE respeita as exigências na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta resolução, bem como a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde apontando diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: ENTRE FIOS, RETALHOS E UMA COLCHA: AS COSTURAS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PADRE ANDRÉ EM CORRENTINA- BAHIA

Pesquisador(a) responsável: Jakeline Honória de Souza e Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira (Orientador).

Esta pesquisa tem como objetivo principal da minha pesquisa, que consiste em refletir sobre os sentidos atribuídos por sujeitos envolvidos no processo histórico da Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA), no município de Correntina – Bahia, sobre os desdobramentos dessa ação nos modos de vida do território.

A metodologia adotada neste estudo será a pesquisa qualitativa, mediada por revisão de literatura, entrevista semiestruturada e análise de documentos da Escola Família Agrícola Padre André.

A adoção do procedimento de entrevista semiestruturada está adequada a realidade da pesquisadora, uma vez que houve a necessidade de conciliar o processo de escrita com trabalho e com a gestação, como também o cenário de pandemia da Covid-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que ainda não foi contido, todo o movimento de pesquisa e escrita foi sendo adequado de acordo as especificidades dos/a participantes, como também da pesquisadora.

Caso concorde em participar da pesquisa, lhe é assegurado sigilo e anonimato das informações e em caso de eventual constrangimento, ou não se sinta 86 suficientemente esclarecido, lhe é facultado retirar o consentimento, sem nenhum prejuízo. Da parte dos pesquisadores fica ainda assegurado ao participante que não haverá qualquer ônus; os dados produzidos serão utilizados para fins estritamente acadêmicos, ficando sob a responsabilidade da equipe de pesquisa. Após ser esclarecido (a) nós abaixo assinamos:

Correntina Ba – novembro de 2022.

Assinatura da pesquisadora responsável

Assinatura do (a) participante